

Cada numero contem sempre uma obra completa

N.º 74

A NOVELLA POPULAR

Preço 60 rs.



# Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

## ALMA NEGRA



... Em seguida arremessou-se contra o homem que segurava na  
extremidade o laço deitando-o por terra...

Redacção e administração de A NOVELLA POPULAR, Calçada do Ferregial, 23, 1.º — Lisboa  
Editor e proprietário: F. A. de Miranda Sousa ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦  
Comp. e imp. na — EMP LUSITANA EDITORA, C. do Ferregial, 23 — pertencente ao editor

W. 168-477

# NICK CARTER

O celebre policia americano  
Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem fór, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O am go mais intimo d'este famo o agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, e' ta incomparavel arte de se vesti, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de o'har, reside o segredo dos mais increditaveis extos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lan'es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antres onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

**OS MYSTERIOS DE NOVA YORK** cidade que, out'óra simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no fu'uro a Metropole da Terra; essa cid de na qual a vida é alegre ou triste, emb' agadora ou miseravel como em nenh' uma outra parte; onde a policia p'ende um caturro de 3 em 3 minutos; onde as s'ass'no de 8 em 8 horas; onde as p'isões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todas as suas mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das qua s, publicada em volume, fórma um episodio completo.

### Volume publicados:

- 1. O rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femeni 4. O ultimo crime de Carruthers.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dirigir pedidos á  
**EMPRESA LUSITANA EDITORA**  
Caldada do Ferregial, 23, LISBOA

### Quadros synopticos de BOTANICA

PARA A 4.ª e 5.ª classe dos lyceus

Esta obra é duma grande utilidade para os alumnos que frequentarem qualquer d'estas duas classes, tendo por fim poupar o tempo que os estudantes teriam de perder se estudassem pelos livros adoptados. Os

Quadros synopticos de Botanica vieram pr. encher uma lacuna que existia ha muito no nosso meio escolar.

Preço 200 reis

### COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

LEIAM TODOS:  
**O conquistador de criadas**  
Miliante romance d'aventuras galantes.  
Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

### MEMORIAS D'UMA PARTEIRA

Assumpo empolgante

O livro mais discutido em Franca, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella capa artistica 600 reis

# Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irre istivel movimento da raça mongolica, uma terrivel conv. liso dos povos que habitam a Asia lançara dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela entrada secular das antigas invasões amarellas, Dhimzes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Atti e Tchengis Kan!

**A Invasão Amarella** a p'r das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inexcidivel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs. contendo sempre um episodio completo Cada numero 60 rs.

### Numero publicados

- 1. O Rei do Pacifico, 2. O Phantasma do Oriente, 3. Em S. Petersburgo, 4. Em c'milho de ferro, 5. Sobre um vulcão, 6. Na zona interdita, 7. Anjo e demonio, 8. O Campo dos Suplicios, 9. Aventuras d'um reporter, 10. Illusões perdidas, 11. Amor louco, 12. A vega humana

## A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA 60 rs.

# Texas Jack

♦ ♦ O Terror dos Indios ♦ ♦

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do norte a sul no mundo yankee, com o d'esses heroes lendarios de antigas eras, é narrada nas empolgant' s novellas que constituem a primeira serie da **A Vida d'Avventuras** com todo o colorido a que se presta a figura do incomparavel gaucho e a selvatica região onde decorrem os episodios.

Os titulos das obras já publicadas são os seguintes:

- 1. Um Heros de dezesseis annos. 2. Os corvos da California. 3. Mulher demonio. 4. Mas acre de Camp-Lencaster. 5. O ultimo rei dos Gomochos. 6. Os pesquisadores d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, policia. 8. O Gaetello Mysterioso. 9. O segredo do caçador. 10. Perfora sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vingança do Mormon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandidos. 15. Como Texas-Jack encontrou seu pae. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhões. 18. As nupcias de Buena-Vista. 18. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas 21. Cariti, o Salvador. 22. O bando negro do Texas. 23. O foiceiro de Prescott-Park. 24. Por era e ventos. 25. Uma Batalha subterranea. 26. O Casamento de Texas-Jack. 27. A revolta dos negros mexicanos. 28. O mercador de feras 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32. A ultima rainha dos Utah. 33. Bob, o Taciturno. 34. Uma ataque ao comboio do pacifico. 35. O Bufalo infernal.

Pedidos á

**EMPRESA LUSITANA EDITORA**  
Caldada do Ferregial, 23—LISBOA

# ALMA NEGRA

Conan Doyle

## CAPITULO I

### A amante de Lord Edgard

Achava-se Sherlock Holmes no seu gabinete de trabalho visivelmente contrariado pela demora de uma visita que lhe havia pedido uma entrevista.

Como passassem já dez minutos da hora marcada, o celebre criminalista, puxando do relógio esboçou um gesto mal humorado.

—Só espero tres minutos, depois saio: as mulheres desconhecem o valor da pontualidade, não tendo o mais pequeno respeito pelo tempo dos outros. Uma actriz que julga honrar um agente da policia marcando-lhe uma entrevista... a Bella-Talbot...

«Pois engana-se; o tempo é-me demasiadamente precioso para...»

E continuaria monologando assim, se o timbre da campainha lhe não chamasse a attenção.

Introduziram no gabinete uma dama de deslumbrante formosura.

A Bella-Talbot reunia apreciaveis dotes de belleza. Alta e esbelta, adivinhava-se-lhe as fôrmas opulentas sob o rico e elegante vestido que a envolvia. A frente altiva e de linhas correctissimas dominava o busto forte, mas flexivel, vellado por custosas e finissimas rendas escuras. O rosto fino e cujas linhas formavam um conjunto admiravel, a tez ligeiramente rosada, e os labios carnudos mostravam, quando descerrados, duas feiras de alvissimas perolas.

Junte-se a tudo isto uns olhos negros e vivos som-

breados por setinosos cílios, e faremos uma idéa aproximada de miss. Talbot.

—O senhor Holmes?—disse, dirigindo-se ao celebre policia.

—Eu mesmo, miss, em que lhe posso ser agradavel?

—E' gentileza generosa sua dignar-se receberme, talvez a hora intempestiva; mas escolhi esta hora crepuscular e o facto de as ruas não estarem illuminadas para que o nosso encontro pudesse ficar ignorado.

—De que se trata pois, miss. Talbot?

Bella, um pouco hesitante, perguntou:

—Antes de entrar no assumpto, diga-me, senhor Holmes, que opinio' forma de mim?

—A melhor que pode desejar uma dama joven e formosa, como miss. Talbot, disse Sherlock Holmes.

—E' verdade, não sou leviana. De resto os meus rendimentos chegam-me sufficientemente, para não estar na dependencia de ninguem.

—D'isso estava eu convencido, miss,—mas, propria-

—Resolvi arremessar para longe a capa de virtude que até hoje tenho trazido, e proclamar bem alto que tambem tenho um favorito.

—Eu não desejo ser indiscreto nomeando Lord Edgard... disse o celebre policia, desviando intencionalmente a vista, mas vendo-a pallidecer sensivelmente.

—Como? E' possivel que saiba? Está então descoberto o meu segredo? exclamou miss. Talbot verdadeiramente admirada.

—Enquanto aos outros nada sei, nem costume tratar certos assumptos por intermediarios. Logo que recebi a sua carta procedi a indagações com todas as reservas e discreção.

Bella-Talbot respirou como que aliviada de íntima oppressão.

—Obrigada, senhor Holmes, disse, é um perfeito cavalheiro; agora estou segura que ninguém mais conhece o meu segredo. Mas como conseguí saber?...

—Por dever profissional não lh'o posso dizer. Mas prosiga. Em que lhe podem ser uteis os meus serviços?

—E' que... succede que... pois bem, eis a verdade, senhor Holmes: eu não sou amante de Lord Edgard Pauberry, sou... sua esposa.

—Oh! miss, permitta-me que duvide enquanto me não apresentar provas evidentes do que affirma.

A formosa visitante juntou as mãos, verdadeiramente afflicta.

—Mas como posso eu provar-lh'o, se não tenho documento algum? Ha, com certeza, uma certidão de casamento, mas está em poder de Lord Edgard.

—Mas, n'esse caso, Lord Edgard pode mostrar-m'a.

Entre lagrimas e soluços Bella-Talbot murmurou.

—Lord Edgard não lh'a mostrará. Prohibe-lh'o uma mulher terrível, que o escravisava e subjuga.

—Sois incomprehenhível, miss. Tendo apenas a rivalidade de uma mulher, como podeis affirmar que Lord Edgard vos despreze e repilla, a vós, formosa, distincta, finalmente com todos os dotes para conservar sempre vivo o amor de um homem? E' pouco verosímil.

—Concordo que seja inverosímil. Mas diga-me: quantas vezes o senhor mesmo, no decorrer da sua vida profissional, tem observado que na sociedade se desenrolam dramas bem mais extraordinários, do que os phantasiados pelos romancistas?!

E todavia é uma verdade incontestada. Mas vou provar-lho. Preste-me toda a sua attenção.

—Sou todo ouvidos, miss.

—Casei ha um anno. Por esse tempo estava veraneando na Escocia, n'uma pequena e pittoresca aldeia, alojando-me no hotel sob um nome suposto, para assim me furtar a continuas impertinencias que perseguem por toda a parte as mulheres da minha classe.

«No numero dos hospedes do hotel estava Lord Edgard, que se inscrevera apenas com o nome de mr. Pauberry.

«Escusado será dizer-lhe que entre nós dois brotón reciproco amor, logo nos primeiros dias.

«E eu, que tinha visto rojar-se a meus pés, tantos homens supplicando uma pequena racella de amor, eu que rejeitára desdenhosa as mais brilhantes propostas de riqueza e posição, sentia-me arrastada para aquelle homem por uma paixão violenta, doida; e só por um esforço da minha vontade consegui dominar-me para me não trahir.

«Edgard tinha visto alguns retratos meus, vira-me no palco e no jardim do hotel, e cumprimentára-me como sendo a propria miss Talbot, achando prazer em conservar-se junto de mim. Se então o conhecesse como hoje, quantos desgostos evitaria!

—Certamente, interrompeu Holmes, todos sabem que Lord Edgard é volúvel como uma borboleta.

—Mas eu ignorava-o. Vivia feliz com elle na solidão dos rochedos da Escocia, pensando que era a sua primeira paixão, e que o seu amor por mim jámais soffreria quebra.

«Mas, por Deus, senhor Holmes não ria. Eu tenho a firme convicção que Edgard correspondia ao meu affecto, era meigo, dedicado, gentil, e só pensava em me tornar feliz.

«Mas é uma creatura incomprehenhível. Amando-me, desgostava-me, martyrisava-me com a sua volubidade.

«Emfim propoz-me casamento, e eu, sentindo n'alma uma alvorada divina, ficar para sempre ligada ao homem que amava mais que a propria vida, cedi; começando com doida alegria os preparativos para o grande dia.

—Sim, Lord Edgard é riquissimo e independente, pode pois satisfazer todos os seus desejos.

—Está enganado, senhor Holmes, n'este caso Edgard nada podia fazer sem consentimento de sua mãe, que ainda vive, e que, por disposição testamentaria de seu marido conservará, enquanto viva, o uso-fructo de toda a sua fortuna. Edgard hade vir a possuir um milhão; mas por ora são limitados os seus rendimentos.

«As relações entre mãe e filho estão bastante tensas, por este se recusar a accceitar um casamento que a mãe lhe propóz. Já vê, senhor Holmes, que n'estas circumstancias por modo algum elle lhe daria por nóra uma atriz, uma semi-mundana.

—Seguramente, a velha Lady Pauberry retirarlhe-hia immediatamente todo o auxilio material com que elle contasse.

—No fim de duas semanas de uma separação forcada, consenti em ser esposa de Edgard, e o casamento realisou-se sob o mais rigoroso mysterio.

—E onde foi celebrado o casamento?

Bella-Talbot fitou-o, succumbida.

—Ignoro-o! Aqui começa a minha infelicidade. Nem ao menos sei o pequeno torrão da Escocia, onde se celebrou o nosso enlace. Que me importava então o logar? Era tão feliz!

«Edgard e eu voámos durante algumas horas de automovel, parámos n'uma villasinha e entrámos n'um edificio, que elle disse ser a *mairie*, onde nos casámos.

Havia assistentes e testemunhas?

—Certamente. O acto foi rigorosamente legal. Testemunharam no o velho creado de Edgard, chamado Brymer, que ainda está ao seu serviço, e a minha creada Bridget, que ia no auto, e ainda é minha inseparavel companheira.

Sherlock Holmes como que se sentiu alliviar de um grande peso, e serenamente disse.

—Sendo assim, lord Pauberry não pôde contestar o casamento. E' isto que elle pretende agora, não é verdade?

—Que sei eu? Ha já bastantes semanas que me abandonou, não responde ás minhas cartas, e o see fauteuil na camara continúa desoccupado. Ignora-o completamente onde esteja. Apenas disse que ia viajar

«Presinto que Edgard já me não ama.

—E é por isso que vem procurar-me, miss?

—Sim, e antes de mais nada, peço-lhe que saiba onde se encontra meu marido, pois presumo que não estará longe da família; e, se conseguir fallar-lhe sobre o com a sua proverbial habilidade. Esta incertesa mata-me.

—O affecto que tem por seu marido faz-lhe vêr este assumpto sob um prisma demasiadamente carregado.

«Certamente lord Pauberry, por um mero capricho, anda em villegiatura, e no regresso virá mais amante e rendido aos seus encantos.

—Esqueceis que ha pouco fallei de uma mulher? Ignoraeis acaso a volubidade de Edgard?

«Conheceis certamente Florence Mackrood.

—Florence Mackrood, exclamou surpreso Sherlock Holmes.

«Essa mulher atravessa-se no seu caminho?

—Sim, e como bem deve conhecê-la, avalia a razão do meu soffrimento. Ella encontra-se novamente em orsa da velha Lady, e Edgard nada me disse. Só mais tarde soube que Florence Mackrood, viuva d'um alto funcionario, pensava casar com E-gard, e que sua mãe favorecia esse enlace.

—Sabe se madame Mackrood está em Londres?

—Não está! Informaram-me que partiu para o estrangeiro, e quem sabe? se acompanhada de Edgard. Oh! sr. Holmes, se soubesse como este pensamento me tortura.

—Creia que avalio os seus receios; e como seu marido não pôde casar duas vezes, essa inclinação pela interessante viuva será passageira, se é que as suas suspeitas são fundadas.

«Vou porém encarregar-me d'esse assumpto e dir-lhe-hei o que puder apurar. Não tem mais nada a comunicar-me?

—Sim; talvez o interesse. Passámos a lua de mel em Kirkbellook: mas tive de regressar a Londres para representar, pois assim fôra combinado entre Edgard e eu, afim de conservar ignorado o nosso casamento.

Sherlock Holmes envolveu-a n'um olhar perscrutador e acompanhando-a até á porta do gabinete, deu a conferencia por terminada.

## CAPITULO II

### Assassinio

N'essa tar de, e já depois de Sherlock Holmes saber que lord Edgard não sahira de Londres, ouvia-se o estampido de um tiro no palacio Pauberry.

A velha Lady assustada, chamou o creado grave e perguntou:

—Que foi isto, Weiler? Mylord regressou e está exercitando-se na sala d'armas?

—Não Milady, balbuciu Weiler, pallido de susto.

Milord ainda não voltou, e a detonação não partiu do andar de cima; deu se perto do palacio, talvez no parque.

—Vae vêr o que foi... Meu Deus, quem sabe o que terá succedido?

Mal o creado sahia para cumprir estas ordens, ouviram-se de fóra gritos afflictivos soltados pelos creados que estavam no jardim.

—Mataram o Lord. Deram-lhe um tiro!

—Calem-se, calem-se! Milady pôde morrer de desgosto.

Viera tarde a prevenção.

A velha Lady, que ouvira a fatal noticia, pallidecera horrivelmente, e erguendo desvairada os braços:

—Não pôde ser, dizia, seria horrivel...

E lá fora ouvia-se o mesmo grito que ninguem ou-sava repetir, diante da velha castellã com receio de uma crise que podia ser mortal. E ella elevando a sua mascula estatura, olhos desvairados, fronte congestionada, repetia por entre soluços:

—Não! não! não pôde ser. Meu filho não estava em casa.

E cahiu desamparada sobre uma cadeira.

A noticia do attentado propagou-se com rapidez, lamentando todos a morte de Lord Edgard Pauberry, do joven e elegante fidalgo, que os creados haviam transportado para o castello, collocando-o sobre a cama, onde parecia adormecido, esboçando nos labios um derradeiro sorriso.

Sherlock Holmes fôra dos primeiros a saber da triste occorrença, e dirigira-se ao castello.

Lady Pauberry não tinha ainda recuperado os sentidos, nenhum parente se havia apresentado, e Sherlock Holmes começou por interrogar os creados.

—Como se encontrava Lord Edgard no parque, perguntou ao mordomo Ouvrier, se ha algumas semanas ninguem sabia onde estava?

—Ah! não admira, era o costume do Lord. Na cidade tinha uma «garçonière» e quando lhe apetezia principalmente quando tinha qualquer desintelligencia com Milady, ficava por lá muito tempo. Mas quando menos se esperava ei-o que voltava muito gentil e amavel, e tantas meiguices e desculpas apresentava á mãe, que esta lhe perdoava, e as pazes faziam-se.

—Então não era de admirar que elle hoje chegasse inesperadamente?

—Não, senhor, já tinha os aposentos preparados, e Milady esperava-o d'um momento para outro.

—Mas como entrou pelo parque?

—Naturalmente por estar mais proximo do club.

—Viram-no entrar?

—Só os jardineiros ali podiam estar quando se deu o crime.

—Bem está; queira mandar chamar os jardineiros. Espere: Diga-me outra coisa. Desempenhando o senhor n'esta casa um logar de tanta confiança, deve saber se Lord Edgard tinha uma vida mais ou menos desregrada?

—Não, que eu saiba.

Sherlock Holmes percebeu que o mordomo respondera por fórmula a encobrir qualquer coisa.

Decididamente o francez e as suas respostas não lhe agradavam.

O creado do quarto poderia talvez adiantar alguma coisa mais, mas velava o cadaver do amo no quarto mortuario.

Chegaram os jardineiros e o mais idoso declarou que estavam trabalhando na estufa, quando sentiram ladrar o cão predilecto do Lord, calculando que elle havia regressado.

—Qual cão? Eu não vi nenhum.

—O pobre animal está lá fóra, no parque. A bala que matou nosso amo, ainda o alcançou a elle.

—Provavelmente ainda ninguém cuidou do animal, quem sabe se tambem está morto!

«Trataremos depois d'isso, e continue as suas declarações.

—Olhámos então uns para os outros, com verdadeira satisfação, porque Lord Edgard, quando estava em casa, tratava os servos como amigos, o que o tornava querido de todos.

Mal ia porem a passar debaixo dos salgueiros, ouviu-se uma detonação.

N'esse momento descobrimos um homem sobre um salgueiro, meio encoberto pelos ramos, que rapidamente descia, fugindo a toda a pressa.

Uns correram a socorrer meu amo, e outros, commigo á frente, fomos em perseguição do criminoso que infelizmente não pudémos alcançar, apesar de esquadriharmos tudo dentro e fóra do parque.

Sherlock Holmes disse então:

—Queira acompanhar-me ao sitio onde cahiu Lord Edgard; preciso examinar esse local.

—Nada conseguirá, senhor; nada ali poderá encontrar, pois logo que souo o tiro Mr. Ouvrier foi percorrer e examinar tudo.

Sobre o jardim cahia já um crepusculo tão sombrio que difficilmente se distinguiriam quaesquer indícios; mas ainda se poderiam vêr vestigios de bala no salgueiro d'onde partira o tiro.

Foram então interrogados os jardineiros mais novos, declarando um que vira entrar seu amo pelo portão acompanhado de um sujeito chamado Dancer...

Holmes estremeceu bruscamente.

—Disse Dancer? Conhece esse homem?

—Certamente, conheço-o muito bem. Elles até eram tres sujeitos: o Lord, o senhor Dancer, e ainda um outro que nunca tinha visto, e que me chamou a attenção por me parecer estrangeiro.

—Entraram todos tres no parque?

—Não. O senhor Dancer só avançou alguns passos, depois, mostrando-se contrariado, voltou-se e sahio do parque.

—Tome sentido nas suas declarações. Isto é um caso muito grave, e deve ser rigorosamente verdadeiro. Se viu o sr. Dancer sahír do parque, não pode vir depór sobre este caso.

—Pela vida de minha mãe lhe juro que o vi sahír do parque, e o Lord mais o estrangeiro continuaram

para a frente rindo muito. Eu estava colhendo péras, ao pé da encruzilhada, e vi tudo isto.

—Seu amo tambem ria muito?

—Sim, senhor.

—Que apparencia tinha o estrangeiro?

—Era um homem moreno e de cabellos pretos.

—Alto ou baixo?

—Mais baixo que alto, respondeu o rapaz procurando recordar-se.

—Como vinha elle vestido?

—Com muita elegancia: só não reparei na côr do fato.

—Seria capaz de o reconhecer, se o tornasse a encontrar?—perguntou o astuto policia fitando o rapaz com insistencia.

—Com certeza que reconheço! Já não me escapa!

—Está bem. Preciso ainda fallar-lhe hoje. E, dando-lhe a indicação da casa; accrescentou.—Póde procurar-me ás dez horas?

Passou-lhe em seguida para as mãos uma moeda de prata, que o rapaz agradeceu com um sorriso franco e sympathico.

Sherlock Holmes voltou para o palacio, e procurou o mordomo que encontrou no vestibulo despedindo os curiosos.

—Como está Milady? perguntou.

Já recuperou os sentidos?

—Sim, senhor. Encontra-se agora no quarto com uma senhora das suas relações. disse o mordomo com uma expressão saudida, que impressionou vivamente o genial policia.

Este, fixando com o seu olhar penetrante o francez, que a custo se mostrava tranquillo, disse com um ligeiro sorriso.

—Mister, peço-lhe o favor de me fazer annunciar a Milady.

—Não posso, replicou o mordomo, Milady prohibiu terminantemente que a incommodassem, emquanto estivesse com Madame Mackrood.

Sherlock Holmes passou em frente do mordomo, atravessou a primeira sala, depois a segunda, e sahio fechando a porta sobre si.

—Pode fazer o que quiser o senhor mordomo, ia dizendo, que perderá o seu tempo. Cá tenho os meus planos para espereitar a tal senhora, e se conseguir descobrir o assassino, só me resta conhecer a situação em que ella se encontra no castello.

### CAPITULO III

#### A Diabolina

O quarto de cama de Lady Pauberry ficava quasi isolado no rez-do-chão, e o celebre policia tendo-se introduzido n'esse pavimento, collocou-se por detraz de uma porta para ouvir o que ali se dizia, e tendo podido abrangeir, por um pequeno orificio que fizera,

n'um rapido golpe de vista, o interior do aposento, divisou uma figura de mulher, esbelta e formosa, que ajoelhada aos pés da velha milady, soluçava convulsivamente.

—Edgard, exclamava, Edgard, que mão criminosa te roubou a vida? Oh! meu Deus, é horrivel; e eu não poderei resistir a este golpe.

Lady Pauberry que estava sentada, e pela immobillidade do corpo e pallidez da cara, similhava a estatua da dôr mais cruciante, elevou os olhos lacrimosos e pisados para a desolada mulher, e disse:

—Creança! Quando vos lamentaes assim, que direi eu, que sou mãe!

—Perdão, Milady, perdão... Não me culpe. Mas eu eston louca... não sei que digo... a dôr... a ignominia...

A velha lady inclinou-se, surpreza, um pouco para ella, e passando-lhe os tremulos dedos pelos fuvlos e setinosos cabellos, disse-lhe meigamente:

—Ignominia? Que quer dizer, Florence?

—Mas... sim... eu cedi-lhe, disse com profundo desespero. Eu era sua, pertenci-lhe de corpo e alma!

Lady Pauberry como que impellida por uma descarga electrica, ergueu-se, dizendo asperamente.

—Mas, enlouqueceste. Sabeis acaso o que affirmaes?

A estas palavras Florence ergueu-se por seu turno, e com o olhar incendiado, fixou ardentemente a velha Lady, e exclamou.

—Não me acreditaes? Ah! mas não ha nada mais verdadeiro, e não é esta occasião oportuna para graçoos!

«Fui amante de Edgard; e digo o sem receio e com orgulho porque o adorava, e era por elle adorada. Alem d'isso ia ser meu esposo, e o nosso enlace era tambem por vós desejado.

Os cabellos da velha Lady estavam agora revoltos, e cahiam lhe como flocos de neve sobre a fronte horrivelmente pallida.

Fitando a viuva disse com ar severo:

—Mas sim, era bem verdade que ieis ser esposa de meu filho; mas não era isso motivo poderoso para entrardes n'esta casa orgulhosa de vossa honra?

—Meu Deus, não comprehendo, não quero, não posso comprehender.

A joven viuva curvou a cabeça pudicamente e com os olhos semi-cerrados:

—O nosso enlace demorava-se... amavamo-nos loucamente... cedi e ha um anno, quando Edgard viajava pela Escocia, notei que ao regressar se operava n'elle repentina mudança a meu respeito, evitando qualquer allusão ao nosso casamento.

—E depois, exclamou Lady Pauberry com voz irritada, e depois entregou-se-lhe?

—Não. Antes já da sua viagem á Escocia eu era sua amante. Mas não me fite com esse ar de estranheza e reprovação, Milady. Eu era livre, e o meu temperamento ardente, o meu organismo fogoso, muito diferente da rigidez marmorosa das inglezas, impellia-me. Italiana, o meu sangue, que o sol ardente da Ita-

lia poz em ebulição, escalda-me as veias e, conscia, voluntariamente, levada pelo amor que tinha a Edgard, pertenci-lhe de corpo e alma ha mais de um anno...

A velha Lady quedou-se como que paralisada por mais algum tempo. No seu espirito travava-se aberta lucta entre o proprio orgulho, a colera e o affecto que dedicava áquella creatura: Venceu este ultimo sentimento. Mais triste que irritada voltou gravemente:

—Admittendo mesmo essa loucura imperdoavel, não era esta, infelizmente, a occasião propria para vir contar-m'a.

«A minha dôr irmanar-se-hia á sua, pois sei quanto os dois se amavam; e as lagrimas da mãe, e da prometida esposa cahiriam como benefico orvalho sobre a sepultura de Edgard.

Florence morden os labios e hesitante murmurou:

—Perdão, Milady! E' que, no primeiro momento, julgando-me bem d'elle, tudo completamente sua,—sua viuva—pensei comprehenderieis melhor a minha dôr, dizendo-vos tudo. Ha! mas nem eu sei o que pensava!

—Pobre creança, murmurou a velha Lady, commovida pela affeição que dedicava a Florence, e credo real a dôr que presenciava; mas não fallemos mais sobre a vossa situação.

«Para mim só haverá de hoje em diante até ao fim da minha vida, um ardente desejo...

—A vingança. Tambem eu ancoio por vingar Edgard, o vosso filho bem amado. E se dependesse da minha vontade o miseravel assassino estaria já em poder da justiça!

Sherlock Holmes que, como sabemos, escutava este dialogo a traz da porta, julgou perceber no metal de voz de Florence alguma coisa de falso e traidor.

—Heide encarregar o celebre policia Sherlock Holmes para proceder a urgentes investigações.

«Era amigo de meu filho: tanta maior razão para procurar desvendar este mysterio.

Florence fez um ligeiro movimento com os hombros que ficou despercebido á velha Lady.

—Espero que Holmes com os seus enormes recurçoes, lançará a mão ao criminoso, e como me sinto sem energia, nem esperanças de a recuperar, como sei que succumbiria n'esta casa, onde a dôr e o luto existirão sempre, mal o cadaver de meu filho desça á sua ultima morada, desejo emprehender uma longa viagem para vêr se consigo minorar a enorme dôr que me subjuga. Ireis commigo porque fallando do pobre morto, que tão caro nos era, sentiremos algum alivio.

Mas subitamente levantando se e em attitude decidida e energica, brilhantes os olhos, exclamou:

—Não. Fico. Quero esperar aqui o fim dos meus dias: mas antes que os meus olhos para sempre se fechem juro pelo cadaver de meu filho que o miseravel assassino hade ter o devido castigo.

E no silencio do quarto estas palavras retubavam solemnes, ameaçadoras; sómente Florence, como que alheada a tudo que a rodeava, parecia presa de grande desalento. Por fim disse lentamente.

—O assassino. E se fosse uma mulher?

—Uma mulher?! Porque diz isso? Desconfia acaso de alguém?—e ao dizer isto os olhos faiscavam de viva indignação.

—Não sei, não sei, balbuciou Florence. Sei apenas que Edgard era continuamente assediado por mulheres que procuravam seduzi-lo. D'ahi, quem sabe? nasceriam ciúmes que poderiam dar origem ao assassinio.

«Entretanto pôde ser que Sherlock Holmes com a sigla descobrir as suas relações amorosas, que sempre conservou ignoradas:— e nos olhos, nos lábios, no seio opulento e tumido da bella viuva convulsivos, traduzia-se a tormenta que a invadia e dominava.

Sherlock Holmes a quem, do seu observatorio, nada escapava, presenciou que aquella mulher lhe entregaria a decifração da mysteriosa morte do joven Lord.

—Ella não sabe quem eu sou, no entanto disfarçar-me-hei para não inspirar suspeitas, disse o genial policia voltando ao vestibulo. E agora mãos á obra.»

—Senhor Holmes, dizia ás nove horas d'essa mesma noite Harry Taxon ao seu mestre—tencionava chamar pelo telegrapho, mas ignorava onde podia estar, pois na sua ausencia veio um tal senhor Gray, mostrando grande urgencia de lhe fallar.

—Quem? O advogado?

—Sim, Pedro Gray, o advogado.

—Elle disse que voltava?

—Sim. Mas... creio que ahí está outra vez, pois sinto abrir a porta.

Efectivamente uma creada introduzia no gabinete um sujeito já idoso que se dirigiu a Sherlock Holmes apertando-lhe a mão.

—Então que novidades ha, Gray? perguntou Holmes puxando do cachimbo e offerecendo tabaco ao recém-chegado. Pode-se fumar uma cachimbada?

—Pode sorver o cachimbo durante toda a vida, respondeu o advogado, enchendo por sua vez o seu até cima, no entanto direi que nada ha mais interessante que o que venho comunicar-lhe. E você, Harry, preste tambem toda a sua attenção visto que é o auxiliar do mestre em todos os casos importantes.

—Como soube que eu me occupava presentemente de qualquer assumpto grave?

—Essa pergunta é desnecessaria, para não dizer escusada.

«Todos sabemos que, tanto em Londres como n'outro qualquer ponto, não ha incidente mysterioso, crime sensacional, que não lhe passe fatalmente pelas mãos.

—E' verdade. Tem então a comunicar-me alguma coisa de importante?

—Sim, oiga. Lord Edgard, como sabe, era ainda muito novo quando fez o seu testamento.

—E acho isso bastante extraordinario da parte d'aquelle rapaz.

—Sim, Lord Edgard, no seu testamento instituiu por sua herdeira uma senhora cujo nome não posso dizer, e que viria a receber dos bens da familia a importante quantia de 25.000 libras.

—O quê? Isso é lá possível?

—E' mais que possível, é certo.

«E para lhe communicar isto é que eu hoje o vim procurar.

Sherlock Holmes inquiriu:

—E acredita n'um suicidio?

Gray encolheu os hombros.

—Suspeita-se que o Lord foi assassinado, e procuram o criminoso, ou criminosos, ou alguém que n'estes ultimos dias tenha sido visto em companhia d'elle.

«Tudo isto porém não abala as minhas conjecturas.

—Que pensa então sobre o caso?

—Pois bem, penso... não teria o proprio Lord pago a alguém para lhe dar um tiro, suppondo que elle não tivesse coragem para o fazer a si mesmo?

Sherlock Holmes soltou uma estridente gargalhada.

—Isso seria um caso unico! Se o Lord quizesse suicidar-se, que necessidade teria de recorrer a um meio tão original?

—Era exactamente isso que eu queria ouvir-lhe.

«De resto não creio n'um suicidio, e inclino-me a suppôr que a propria herdeira não será estranha a esta morte mysteriosa.

—Mas quem é essa herdeira? Isto não nos illucida sobre o caso; e já que começou a falar, não deve ficar em meias confidencias, podendo fazer alguma luz sobre o caso.

—Pois bem, oiga. Lord Edgard esteve por duas vezes ultimamente em minha casa. Da primeira acompanhava-o uma senhora, que me pareceu exercer grande influencia sobre elle, e que com certeza o arrastára a dispôr da sua fortuna em forma de testamento, o qual, segundo me pareceu, ella teria visto assignar n'esse mesmo dia com a melhor vontade. Fiz-lhe porém sentir que isso não era possível visto haver ainda umas pequenas difficuldades a remover, mas que, em outro dia, designado pelo Lord, tudo ficaria concluido.

«Edgard antes de me procurar tinha-me avisado que inventasse um pretexto para que o testamento se não assignasse n'esse dia.

«Passados dias Lord Edgard apresentou-se só em minha casa, e mal me viu, começou a rir perdidamente.

—Parecia então bem disposto e despreoccupado?

—Certamente. Falámos sobre varias coisas, achando-se elle na melhor disposição de espirito, batendo as mãos de satisfeito, como um escolar traquinas que tivesse planejado qualquer garotice. Então, sempre rindo, disse me,—palavras formaes—Não imagina, sr. Gray, como esta historia do meu testamento me diverte! E' divertidissimo! Mas quero satisfazer os desejos da senhora que me acompanhava no outro dia, embora tenha apenas 25 annos. Ha porém uma pe-

quena alteração a fazer no meu testamento. As 25.000 libras de que disponho, não serão legadas a essa senhora, mas sim a uma outra.

— Isso é realmente interessante, exclamou o celebre policia.

— Em poucas palavras deu-me umas breves indicações, pelas quaes vim a saber que a primeira se chama Florence...

— Eis o que eu suppunha, disse Sherlock Holmes.

— E a segunda, a verdadeira herdeira, chama-se Bella.

Sherlock Holmes estremeceu, e um terrivel pensamento lhe atravessou o espirito. Este pensamento tivera-o tambem o advogado Gray, e por isso proseguiu com energia.

— Sim, a herdeira real, — declarou-l'h'o agora, — é a Bella Talbot, a afamada actriz...

— E acredita que...

— Nem posso deixar de suppôr que ella teve acção immediata na prematura morte do Lord.

«Quem teria interesse em precipitar esta morte senão a sua herdeira?

«A idade e a robustez de Lord Edgard, garantiam-lhe uma longa vida; e isto transtornava os planos ambiciosos de Bella Talbot.

— Pois eu sou de opinião contraria. A actriz não tinha nem poderia ter interesse na morte de Lord Paubery. Mas antes de lhe expôr o que penso, preciso fallar com Bella Talbot, e procurar o fio da meada que me conduzirá ao verdadeiro caminho para desvendar este mysterio.

— Mas quem daria credito ás declarações d'essa mulher?

«O facto de ser visto um homem no parque de Lord Paubery não me parece muito estranhavel.

— Certamente, retorquiu o habil policia, nem eu me occupo d'esse homem. O que procuro é descobrir o auctor, ou a auctora do assassinato.

— Ah! então já pensa que miss Talbot...

— Por quem é! Eu não me refiro a miss Talbot, que considero innocente.

— Então quem suppõe...

— Nada mais lhe posso dizer por agora, respondeu Sherlock Holmes, levantando-se e pegando no chapéu para sahir, preciso elaborar o meu plano, e depois procederrei conforme as circumstancias.

O advogado despediu-se do policia amator, convencido de que nada mais saberia n'esse momento.

## CAPITULO IV

### A segunda victima

A «Garçonnière» de Lord Paubery ficava proxima de Hid-Park: era um gracioso edificio a que chamavam a «Torrinha».

Entretanto a elegante vivenda não auctorisava tal designação, pois que era de construcção baixa, construida á franceza, tendo ao centro um pequeno torreão, que chamava a attenção, pela sua forma octogonal e amplas janellas, pelas quaes, todas as noites, perpassavam luzes de variadas côres.

Além d'isso corria na visinhança que a elegante villa era o *rendez vous* de aventuras galantes que Lord Edgard, voluê e mundano muito apreciava.

Como serviças havia uma velha cosinheira e um creado—aquelle Broomer de quem Bella Talbot tinha fallado a Sherlock Holmes.

Na tarde do assassinato, Broomer, sem poder imaginar o fim tragico de seu amo, viera para o jardim, e estava entretido a dar de comer aos cães. Os predilectos de Lord Edgard, Setter e Nero, tinha-os elle levado comsigo, e Broomer afagando os outros murmurava.

— Sim, sim, todos vocês são uns bellos animaes, mas o patrãozinho prefere o Nero. E assim succede agora. Elle tem os seus favoritos entre os homens e os animaes, na escolha dos quaes tem por vezes gostos exquisitos.

Agora mesmo tem elle um italiano, que se me torna antipathico e que não posso vêr.

— Então, Broomer, exclamou uma voz de mulher, que está para ahi a tagarellar com os animaes?

«Converse antes commigo, que sempre lhe agradecerei melhor.

Era a cosinheira que, da janella se debruçava admirando o discurso que elle fazia aos cães.

Os dois serviças tinham repetidas dispostas, provocando-se ironicamente.

— Ah! E você, Nanu, retorquiu Broomer em voz alta! Bravo! Está garrida como se fosse para uma festa! Quem quer você enganar?

— A você, seu malvado. Todavia compraz-me dizer-lhe que me preparei assim para ir a uma festa de caridade.

«Desejo porém saber se você lá vae, porque, de contrario, não ponho lá os pés.

— Não deixe de ir á festa por minha causa, e pode lá ficar toda a noite e mesmo o dia de amanhã; porque assim deixarei de vêr por algum tempo os seus olhos de coruja, que me tiram toda a alegria.

— Ai, sim, seu lapuz, com que então você não sabe? Só sete dias em cada semana; porque essa bella creatura não pode deixar de ir todos os dias fazer biscas ás raparigas bonitas!

— Ora! replicou Broomer em tom malicioso, ao menos sempre vejo alguma coisa de agradável, emquanto que o mesmo não me acontece quando olho para você.

«De resto não tem fundamento o que diz, porque eu só sahio quando o Lord me incumbê de algum recado.

A cosinheira sahira, e Broomer apenas ouviu fechar o portão, bateu as palmas de contente.

— Apre! até que emfim aquella bruxa se foi, e posso permitir-me o luxo de fumar um bom charuto da charuteira de Lord Edgard, sem que ella veja, por-

que iria intrigar-me com o patrão. Elle bem sabe que lhe alivio um tanto o bojo da charuteira, mas não faz caso; mas é conveniente que nem todos o saibam.

Mal tinha porém accendido o charuto, quando bateram á porta, tendo elle de ir abrir.

Era Carlos Tambero, o italiano com quem o velho creado não sympathisava.

—Que deseja sr. Carlos? disse Broomer duramente. Mylord não está em casa.

—Bem sei, porque ainda ha pouco me separei d'elle; e venho de seu mandado buscar as chaves da secretaria, que elle se esqueceu de levar.

—As chaves? Para que as quererá mylord? Elle deixa-as sempre na secretária...

Os olhos negros do italiano fuzilaram: era o que elle queria ouvir.

—Bem sei, exclamou o italiano, mas mylord tem esta tarde uma entrevista com uma senhora e... aqui suspendeu-se e lançou um olhar acerado sobre o velho creado.

—Não percebo muito bem, mas eu irei buscar as chaves, e espere-me aqui um momento.

Dizendo isto dirigiu-se para um quarto ao lado, onde estava a secretária, sendo seguido por Carlos Tambero, que rapidamente fechou a porta encostando-se a ella.

—Deixe lá ficar as chaves, ordenou em voz terrivelmente dominadora; tenho a dizer-lhe algumas palavras, mas antes feche aquella janella.

Surpreso Broomer cumpriu a ordem, e esperou.

Carlos Tambero mettu vagarosamente a mão na algeibra do casaco e conservou-se assim alguns segundos.

—Não se assuste, disse-lhe, nem grite. Temos muito que conversar.

—Commigo? A que respeito sr. Tambero?

E ao dizer isto tremia como um vime.

—Não trema, não tenho intensão de lhe fazer o menor mal, se fór razoavel, e me obedecer cegamente.

E retirou a mão da algeibra apontando lhe um revolver á cabeça.

—Meu Deus, exclamou o creado horrorisado, que é que o senhor quer de mim?

—E' o que vae ouvir. Eu só quero de si uma informação.

«Conhece as relações que havia entre seu amo e *mrs.* Mackrood?

—Sim, certamente, *mrs.* Mackrood não as occultava. O que ella queria era casar com Mylord.

—Mas elle não queria, não é verdade?

—Não, Mylord parece que não queria casar com ella.

—E o motivo para essa recusa era elle preferir outra?

—Ignoro. Mylord não me fazia certas confidencias.

Os olhos do italiano brilharam sinistramente, cravados no servo, até que murmurou:

—Elle amava *miss* Bella Talbot, saiba-o. Seu amo portou-se indignamente com a senhora Mackrood,

chegando mesmo a ser tyrannico para com ella, impellido pela paixão que sentia por essa actriz.

—Mylord nunca foi tyranno para com a senhora Mackrood, exclamou Broomer indignado; se ella o diz, mente.

—Rapaz, exclamou o italiano enraivecido, toma cautella! A senhora de quem fallas é incapaz de mentir.

«Essa senhora disse-me que viveu aqui com o Lord; que elle viajára com sua companhia; que, durante algumas semanas, aqui vivera com ella na maior intimidade; e que Lord Edgard, em paga de ella lhe sacrificou a sua dignidade, a trata horrivelmente, chegando mesmo a agredil-a.

—Não acredito, gritou Broomer fóra de si. Essa mulher sempre perseguiu o Lord assiduamente, não obstante elle ter cortado as relações que entre os dois existiam. Ella sim, ella é que o forçou a uma comedia, retendo-o aqui, até que Mylord reagindo, lhe declarou formalmente, que se resgatava do captivo, e resurgiu para a mundo.

O revolver ergueu-se até ficar á altura da cabeça do fiel servo.

—Onde guarda Lord Edgard o dinheiro? Responde já, depressa, e, se tentas illudir-me, és um homem morto!

Broomer já estava quasi muribundo de pavor. Não tinha probabilidade alguma de poder fugir, havia apenas uma sahida, e essa fóra fechada, e o revolver apontado á cabeça aniquillava-o.

Pensou. Deveria consentir que roubassem o amo, sem um pretexto enérgico, ou devia denunciar a esse bandido onde existia o dinheiro?

Não era cobarde. Repugnava-lhe a traição. Se pudesse sahir d'aquella casa, pediria soccorro... salvar-se-hia talvez...

—Está lá em cima, disse, resolvendo-se. No quarto de dormir ha um armario que tem um escaninho secreto, onde o Lord guarda os capitaes mais importantes.

—Ah! sim?! Os capitaes mais importantes? E então os de menor valor?

—Não tem nenhuns em casa. Esses tral-os Mylord comsigo.

—Ora muito bem, disse o italiano em voz ironica, terrivelmente satanica. Pois vaes fazer companhia a teu amo.

Uma bala silvou, e o velho creado dobrou-se sobre o busto, cahindo inanimado. Estava morto. Do orificio que a bala fizera na testa jorrava o sangue em borbotões, e ia manchar o tapete. Lá fóra os cães latiam doridamente.

Tambero inclinou-se sobre a victima, esperando a ultima convulsão. Certificando-se que o desgraçado deixára de existir, galgou rapido os degraus dirigindo-se ao andar superior.

Logo á entrada era o quarto de dormir do Lord, ao lado do torreão, onde, com certeza eram os aposentos da sua amante. Tambero dirigiu-se immediatamente para estes, e deteve-se na primeira sala as-

pirando o fino aroma que impregnava toda a casa.

—Foi aqui com certeza que ella habitou. Aqui se lhe entregou, aqui lhe pertenceu. E o canalha aqui mesmo trahiú os seus protestos de amor. Ah! mas estás vingada. E agora serás rica, minha Florence, e iremos para o estrangeiro. Sim, mas primeiro preciso apoderar-me do papel antes que ninguém impugne a successão...

Voltou para o quarto de Edgard, procurou no armario de que Broomer lhe falára, mas nada encontrou.

Procedeu a mais minuciosa busca, mas foi em vão.

No quarto de toilette contiguo nada descobriu tambem. Os fatos do Lord pendiam de cabides de metal occultos por pesadas cortinas. O velho creado mentira-lhe, illudira-o redondamente, pensou Tambero. Desceu raivoso ao quarto onde jazia a sua victima, e empurrando furiosamente a porta defrontou com o cadaver.

—Velho patife! gritou furioso, quizeste illudir-me, mas eu saberei descobrir o que preciso.

Saltou por cima do cadaver e viu na fechadura a chave da secretária. Abriu-a precipitadamente e revolveu todas as gavetas. Havia ali pouco dinheiro, mas encontrou um livro de cheques do Banco de Inglaterra, que estava assignado em cinco ou seis exemplares.

Um sorriso diabolico lhe assomou ao rosto.

—Todos sabem, disse entre dentes, o grande credito que o Lord tinha sobre o Banco. Levantarei pouco a pouco estes cheques, e pensando como procederei para com os que não tem assignatura, brevemente ficarei rico.

«Florence! Florence! Tu, que sempre me repelliste, que nunca acreditaste na minha insensata paixão, convenceste-has agora de quanto te amo, de quanto sou capaz de fazer por ti.

«Sim, Florence! Matei-o. Puni o teu tyranno que cinicamente me atirava á cara a felicidade que tu lhe davas, e que elle tão mal apreciava, matei-o para te depôr aos pés dos bens, a fortuna, a posição de que és digna.

«Outro qualquer no meu logar locupletar-se-hia apesar do teu enorme poder. Eu não. Quero que sejas enormemente rica e poderosa, e só peço em troca uma pequena parcella do teu amor.

«Mas raciocinemos. O Lord declarou ao advogado que legava a Florence vinte e cinco mil libras na hypothese de morrer antes do seu provavel enlace com ella. Existe um testamento. Procuremolo, pois deve existir aqui.

E febril, guardando o livro de cheques, procurava avidamente o desejado testamento para o entregar a Florence.

Ao fim de muitas pesquisas encontrou no fim de uma das gavetas da secretária um grande sobrescripto com a seguinte indicção:

«Ultimas indicações á minha unica e verdadeira amada»

E os labios contrahiram-se-lhe n'um sorriso ironico.

Rasgou o sobrescripto, leu rapidamente o conteúdo, e pallidez marmorea lhe cobriu o rosto.

Estaria sonhando? Seria ludíbrio dos seus proprios olhos?

Mas não. No documento estava em letras bem nítidas o nome de Bella Talbot, e não o de Florence Mackrood.

Tambero soltou uma praga medonha.

—Ludibriou-al ludibriou-a miseravelmente, repetia elle enfurecido. Mas enganou-se. Fiz uma morte inutil, pois que reverte em beneficio d'essa odiada favorita. Florence ha de viver miseravelmente, ha de ter uma vida de apparencias ficticias, quando tudo tinha preparado para uma existencia luxuosa e feliz. Não. Isso seria para mim a completa anniquillação.

Florence Mackrood, por cujos irresistiveis encantos este homem se deixára arrastar, apesar da differença de edades dominava-o completamente. Nascidos na mesma patria, sob o sol abrazador da ardente Italia, o acaso as approximára, e atrahira o bandido com ficticias promessas, auxiliada pela sua extonteante belleza, certamente para fazer d'esse homem o instrumento da sua insaciavel sede de riquezas. Mas o plano tão habilmente architectado, derruira irremediavelmente, o fatal testamento anniquillava a, feria-a inexoradamente e contra todos os seus calculos.

E Tambero sentia que nada conseguiria d'aquella mulher, enquanto a não tornasse possuidora de uma grande fortuna.

Via-se totalmente perdido. Que lhe restava fazer? De que meios lançar mão? E olhando afflictiva e inutilmente para aquella papel fatal, camarinhas de suor lhe orvalhavam a fronte, e sentia que o pavimento lhe fugia debaixo dos pés.

Receava fraquejar, trahir-se.

Por um momento invadiu-o o medo. Ninguém o vira entrar no palacio, ninguem ouvira o tiro. Pensou em fugir, desaparecer.

Mas recobrando-se, repudiou a sua momentanea fraqueza, e monologou:

—Florence espera-me, e deve contar ansiosamente os minutos junto da velha Lady, onde deve desempenhar habilmente o seu papel.

«Está decidido. Ella conta com esta fortuna, e se me repudiar, nunca a poderá obter.

Lá fóra os cães uivavam lugubrememente. Isto o advertiu que convinha proceder rapidamente. Mas que fazer? Lançou um olhar sobre o cadaver do dedicado servo, e um pensamento lhe accudiu.

Um sorriso maligno crispou-lhe os labios, e murmurou:

—Este não deve despertar suspeitas. Era sufficientemente dedicado ao amor, para que todos pensem n'um suicidio ao saber da sua morte.

— Tambero vinha munido de um revolver que anticipadamente comprára. Aquella arma podia, afinal, pertencer ao creado.

— Ah! Ah! gargalhou elle, que bem que eu conseguí desembaraçar-me da velha cozinheira! Foi genial a lembrança d'aquelle convite para o baile.

— Ah! Ah! Carlos Tambero é um finório, ninguém o embrolha.

E dizendo isto debruçou-se sobre o cadaver, e collocou o revolver na direcção do ouvido do morto.

Cautelosamente retirou-se, deixando abertas todas as portas por onde passava, a fim de fazer supôr que algum de fóra viera dar a fatal noticia ao velho creado.

— Transpóz o largo portão. A rua estava escura, n'aquelle momento deserta, certamente ninguem o vira.

Alguem ficára porém occulto na «villa», e esse alguem era um homem, em quem elle não reparára. Era o seu rosto, os seus vestigios que rapida, fugazmente de si se evolverá em cada milimetro da casa em que estivera por segundos.

## CAPITULO V

### Innocente ou culpada?

Era já noite escura quando bateram á janella de Bella-Talbot.

Surprehendida a linda actriz chamou:

— Bridget, alguem bateu á janella, quem será?

A creada de quarto que costumava acompanhar sua ama quando esta se conservava levantada, grande parte da noite para estudar os seus papeis, acudiu logo.

— Eu tambem senti bater: vou abrir, miss Bella?

— Não, é imprudente. Veja d'outra janella e pergunte quem é.

Mas logo se destacou no escuro da noite um pequeno ponto luminoso projectado por uma lanterna electrica, e a actriz reconheceu o audacioso policia.

— Sherlock Holmes! exclamou ella admirada, enquanto pressurosa lhe abria a porta. O que o traz a esta hora a minha casa?

Sherlock Homes entrou lançando um profundo olhar sobre o rosto da actriz.

— Miss Talbot, disse, quando hoje lhe fallei em minha casa, mal pensava que teria de vir dar-lhe uma rude noticia. Prepare-se com toda a sua coragem, pois se trata de Lord Pauberry.

— Quem? O quê? O meu marido? gritou Bella que empallideceu mortalmente, o que sabe? onde está elle?

— Em Londres. Felo menos esta tarde ainda estava passando o dia na sua «garçonnière», onde Florence Mackrood o retinha.

Os lindos olhos de Bella illuminaram-se com desusado brilho.

— Elle estava cá? Elle occultava-se de mim para viver com essa mulher?!

— Miss Talbot, Lord Pauberry já não pertence ao numero dos vivos.

Um grito doloroso, que confrangia o coração, aturdiu a casa toda. Era o que Holmes esperava. Ainda que ella fosse uma consummada actriz, Sherlock sabia distinguir se ella se impressionava viva, profunda, dolorosamente, ou se desempenhava um papel vulgar de tragedia.

Em verdade era tão sincero, tão exoptaneo, tão dolorido, como a afflicção que lhe transparecia no rosto banhado em lagrimas.

— Mas diga-me tudo, tenha piedade de mim, como morreu elle?

— Assassinaram-no! disse o policia gélido, imperturbavel.

Bella olhou para elle anniquilada: os seus olhos fixos, immoveis, sem expressão quasi davam a impressão de um proximo ataque de loucura.

— Mor... Mortol... concluiu ella n'um soluço rouco.

E estoreendo os braços n'uma dolorosa convulsão teria cahido, se Sherlock Holmes a não amparasse, prodigalizando lhe algumas palavras de conforto.

— Mas quem o matou? disse um pouco mais serena.

Holmes sentou-a sobre uma cadeira, onde se quedou completamente exhausta de forças.

— O criminoso ainda não foi encontrado. Procura-se porém, e ha quasi a certeza de que é um estrangeiro.

O senhor Dancer amigo do Lord, andou com elle até pouco antes de ser assassinado, mas presentemente nada por emquanto por elle poderemos saber, pois hoje mesmo sahí para a França, por Dover.

Conheceis algum estrangeiro que frequentasse a companhia do Lord?

— Não, não. Sei apenas que em geral, elle convivia com toda a gente, ás vezes com o primeiro adventicio, sem fazer escolha. Mas... espere: lembro-me agora de um, em quem elle por vezes falava: Tam... Tambero, sim, é isso. Era um italiano com quem elle travára relações ha poucos mezes.

Sherlock Holmes abanou a cabeça pensativo.

— E, quem sabe? Talvez esse homem tivesse ciúmes: deve sempre attender-se a tudo.

— E já agora perdôe-me ainda uma pergunta: já teve algum adorador italiano?

Bella fez um movimento negativo.

— Não, nunca, que me recorde.

Em geral desdenhava os galanteadores; o unico que talvez me dedicava alguma affeição — o que levava as minhas collegas a mofarem de mim — era o cantor Buono...

— Ah! Buono, bem sei: por signal que não é nada sympathico, mas consta que era muito feliz com as mulheres.

—Talvez, senhor Holmes. Mas não foi elle com certeza.

Não, se aquelle italiano foi o criminoso, é possível que o movessem os ciúmes—mas d'outrem!—e a senhora Mackrood é italiana de nascença. E quem sabe se o meu pobre, o meu querido Edgard morreu porque essa mulher... e aqui extinguiu-se-lhe a voz entre soluços.

Sherlock Holmes deixou-a entregue á sua dôr durante alguns segundos. Passados estes disse-lhe gravemente:

—Miss Talbot—eu deploro profundamente tudo o que este desgraçado acontecimento possa trazer lhe de desgostos e amarguras; mas tenho de a prender.

Desorientada, Miss Talbot fitou-o sem comprehender.

—Sim, é impossivel evitar-o. Acaba de prestar-me declarações excessivamente graves. Bella estorcia as mãos angustiada.

—Não, não, senhor Holmes, não pôde ser... o senhor, que eu considerava meu amigo, pôde ser assim deshumano?

—Justamente porque sou seu amigo verdadeiro é que tenho de proceder com toda a imparcialidade.

O advogado a quem hoje fallei suspeitou já da senhora, e o mesmo se dará com certeza com a senhora Mackrood. Espero que a sua detenção durará pouco tempo, e por isso rogo lhe que me acompanhe sem opposição.

Bella ergueu-se immediatamente dirigindo-se para a porta.

—Bridget! bradou, traze-me um chapéu e uma capa—a tua ama vae presa...

Mal proferiu estas palavras succumbiu cahindo desamparada no chão.

Sherlock Holmes levantou-a e conduziu-a para a carruagem que a esperava na rua.

Harry Taxon fôra encarregado de procurar o cantor Buono. Em todos os cafés, e pontos de reunião procedeu a pesquisas, mas sem resultado.

Afinal conseguiu encontrar-o em um restaurante modesto, e onde se jogava toda a noite sem serem incomodados pela policia.

O cantor estava sentado junto a uma meza d'um gabinete interior que era difficil descobrir á primeira vista. Harry entrou n'elle e olhando para o cantor, notou-lhe o rosto característico, mas ainda bello, posto que avermelhado pela excitação do jogo e das bebidas.

Debruçava-se febrilmente sobre as cartas, como se tudo o mais lhe fosse indifferente além do panno verde.

Harry Taxon demorou-se a observar-o.

Pois quê? este homem, aquillo que ali vejo, pôde ser um assassino?

Mas era notorio o seu amor infeliz, não correspondido pela formosa atriz.

Todavia Harry não acreditava n'ella e murmurou:

—Hum! E' um caso verdadeiramente mysterioso! ninguem viu o assassino, o ajudante do jardineiro, que o affirma ter visto está talvez na melhor bôa fé, mas a gente é que não deve fiar-se n'essas declarações. Bella Talbot fica herdeira de uma esplendida fortuna, este Buono adora-a perdidamente; quem sabe se a paixão o desorientou?

Approximou-se lentamente da mesa onde o cantor estava jogando. Acercou-se do artista e, pousando-lhe a mão sobre o hombro disse-lhe bruscamente:

—Senhor Buono, uma palavra. Trata-se de Bella Talbot. Sabe que Lord Pauberry foi assassinado?

O cantor recuou visivelmente impressionado.

—O quê? Isso é mental! O Lord não está em Londres.

—Isso não impede que eu falle verdade. Sei-o de boa fonte, e admiro-me que o senhor ainda o ignore.

«Por toda a cidade correm os vendedores de jornaes dando a noticia em «A' ultima hora».

Mas tudo, no artista indicava que elle não participára do crime.

Fitou Harry com olhares espantados e quasi o arastava para um dos cantos do gabinete.

—Diga! Eu nada sei, pois ha sete horas que aqui estou jogando. O jogo é a minha unica tentação, tudo o mais me é completamente indifferente, absorve me todos os pensamentos. Mas diga: é verdade que Lord Pauberry foi assassinado? Quem é o assassino? O que se passou?

—Como se passou? Da maneira mais natural. No seu proprio parque, onde o alvejaram pelas costas. Quem seria? Calcula-se que algum rival movido por ciúmes.

E, como em tudo, *cherchez la femme*...

Com a voz rouca pela anciedade Buono inquiriu:

—Mas que mulher? De quem se desconfia?

Harry attrahiu-o para o assumpto que desejava, por isso examinava-o attentamente, ao mesmo tempo que, pensadamente e notando-lhe os menores movimentos, perguntava:

—Conhece a linda Bella Talbot? Esta pergunta produziu no cantor o effeito de uma bala: sentiu-se ferido. Com um movimento brusco agarrou Harry, e tel-o-hia prostrado, se este, presentindo o ataque, se não houvera prevenido.

Com um inesperado golpe de Jiu-Jitsu torceu n'um rapido movimento as mãos de Buono' que immediatamente baixaram.

—Agora quieto, senhor Buono! aconselhou Harry. Cale-se e siga-me a este gabinete aqui ao lado. Sou o ajudante e emissario de Sherlock Holmes, e trata-se da honra e da vida de Bella Talbot que já foi capturada.

O cantor gemeu de dôr como um animal feroz golpeado por uma funda chicotada.

Harry viu-o tão succumbido que se apiedou d'elle.

—O senhor ama Bella Talbot, e pode talvez salvar-a.

Sabe alguma coisa a respeito da herança que o Lord tinha destinada á Miss?

Buono levou as mãos tremulas á cabeça.

—En louqueço! exclamou elle. Isto é impossível, mas porque me faz esta pergunta?

Harry foi-o conduzindo para o gabinete e disse-lhe rapidamente.

—Sherlock Holmes soube que o senhor ha muito tempo perseguia a actriz. Que o senhor pretendesse casar com ella, que de resto não o attendia, é perfeitamente justificavel, pois que a joven amava outro...

—O Lord, disse Buono n'um repente. Eu sabia-o.

—Mas o que o senhor não sabia, o que Miss Talbot confessou perante o juiz é que, já de ha muito era esposa do Lord...

Buono rompeu em soluços de dor e odio.

—Não é verdade, protestava, não pode ser!

—Embora: mas tome cautella! Miss Talbot declarou agora o seu casamento (o que não era obrigada a fazer, pois isto trazia ao Lord a mais dura inconvenienciencia).

Agora que elle morreu, é evidente que lhe succede n'uma avultada herança, que certamente não receberá por emquanto, pois, por essa mesma razão se suspeita da sua participação no crime.

—Maldita calumnia! exclamou Buono, quem pode affirmar tal vilania? Leve-me d'aqui, quero declarar immediatamente ao juiz que isso é impossível, porque Bella Talbot adorava perdidamente esse homem. Basta. Já soffri bastante. Eu heide sabel-o.

—O mestre ficaria satisfeito se o senhor quizesse servir de testemunha de defeza da joven cantora. Ainda esta noite estarei com elle, o que não o prejudica, pois sei que está com licença, e passa muito tempo sem ir a casa.

—E' isso, disse Buono seccamente. Mas só depois que Miss Bella me despresou. Vá depressa então.

—Nós não podemos incommodar os juizes durante a noite: até amanhã de manhã teremos de esperar.

Todavia se quizer vir a casa de Sherlock Holmes, será bem recebido.

E' verdade que eu não sei se lá o encontraremos.

—Mas então onde está elle? Eu não descanço enquanto não tentar tudo para provar a innocencia de Miss Talbot. Onde está o senhor Holmes?

—Ninguem o pode saber!

Foi com um jardineiro, que diz ter visto o criminoso, durante uns instantes, em busca do assassino.

Em todo o caso o mestre suppõe que n'este caso anda a mão de outra mulher.

—Como se chama essa outra mulher? Eu conheço mais mulheres em Londres do que ninguem. Ande, diga. Apesar da minha fealdade tenho um enorme partido entre o sexo fragil: conhecem-me e admiram-me só nos meus papeis. No palco, bem vestido e imponente chego a parecer bello.

Harry estava já fatigado de acalmar o excitado cantor que o seguia automaticamente mergulhado em profunda meditação da qual ás vezes se libertava para exclamar:

—Bella, capaz de commetter um assassinato! E' realmente de doideceer!

Harry deixava-o monologar.

## CAPITULO VI

### Os alfinetes de ouro

Ja já muito avancada a noite quando Sherlock Holmes depois de ter corrido inutilmente todas as tabernas e baiucas que de ordinario são frequentadas pelos criminosos, regressou á cidade.

O ajudante do jardineiro, que toda a tarde e parte da noite o acompanhára, mal se podia sustentar nas pernas, e o experiente policia, notando-o, ao chegar ao palacio Panbery, disse-lhe sorrindo:

—E agora, meu rapaz, deita-te. Amanhã te darei mais algum trabalho. Vae amanhecendo, e ainda podes dormir algumas horas.

O rapaz abriu o portão do jardim, e dispunha-se a fazer as suas despedidas, quando Sherlock Holmes lhe disse:

—Olha: deixa-me estar agora um momento no parque. Hontem pouco pube aqui demorar-me, e por isso hoje preciso fazer umas pesquisas antes de nascer o sol.

Vagorosamente foi andando com passo estugado, depois de ter perdido de vista o rapasito que ia morto de somno, e seguia o mesmo caminho que naturalmente, na vespera, seguira o desditoso Lord.

Chegou á entrada do parque que conduzia ao peristillo, e notou vestigios de tres passadas, correspondendo a tres pessoas que marchavam juntas.

Em seguida descobriu pelo mesmo rasto que tinham parado um pouco conversando, e que uma d'ellas, a que o jardineiro designára como sendo o senhor Dancer, voltára para traz e sahira.

De repente Sherlock Holmes ouviu gemidos longinquos, dolorosos, e o seu primeiro pensamento foi que seriam saltados pelo cão que no dia anterior encontrára quasi moribundo, e que estaria abandonado e esquecido.

Mas então tinha estado o animal bastantes horas a soffrer dores horrioveis, e torturado tambem pela sede!

Como os latidos fossem enfraquecendo, convenceu-se que não se enganára.

Avançando, viu que o terreno apresentava vestigios de sangue, e uns passos mais adiante encontrou o animal sob o salgueiro d'onde o tiro partira.

O grande policia curvou-se sobre o cão, que ainda dava alguns signaes de vida, e forcejava por alcançar uma fonte proxima.

De um salto Holmes se dirigiu á fonte aparendo no chapéu alguma agua que o animal absorveu avidamente.

—Pobre animal! exclamou elle, esforçando-se por

examinar attentamente o misero cão; deixaram-te aqui abandonado, e talvez te pudessem salvar...

Suspendeu-se repentinamente por vêr que o cão, sempre gemendo, apalpava qualquer coisa sobre o peito. Procurou, mas não viu nada, nem o animal estava ferido n'esse sitio.

O que seria? Carnhosamente continuou a tactear-lhe o peito, e repentinamente reconou como se qualquer objecto perfurante lhe tivesse picado os dedos.

—Esta agora! exclamou elle, querem vêr que o cão tem uma agulha espetada no peito?

Assim era!

Com todo o cuidado, ponde, com uma pinça tocar a agulha e tiral-a brandamente para fóra, soffrendo o animal a operação quietamente.

—Sim senhor! que expellido artefacto aqui introduziu a bala! Mas isto afinal, concluiu Holmes, observando ainda a agulha, é a haste de um alfinete de ouro, de gravata...

O Nero agora, sensivelmente aliviado, sacudia a cauda, e pouco a pouco erguia a cabeça.

—Espera, espera ahi, pobre animal! Já vaes para casa. Podes talvez ser para mim um valioso auxiliar. Felizmente que não morreste.

E com todo o cuidado transportou o cão á casa do jardineiro, nas trazeiras da qual ficavam as cavallariças. Ali perto estavam alguns rapazes dispoendo as forragens, e Holmes chamou um d'elles, a quem entregou o cão dando-lhe uma boa gorgeta.

—Vae já a correr chamar o melhor veterinario que haja aqui perto e diz-lhe que venha já. Se tanto fôr preciso arranca-o da cama, e diz-lhe que lhe pagarei em triplicado, se aqui vier immediatamente. Que traga ligaduras e tudo o que fôr preciso para extrahir uma bala.

O rapaz foi correndo enquanto o improvisado enfermeiro deitava o cão na cama de um dos cocheiros. Feito isto, Sherlock Holmes fechou a porta por fóra, tirou a chave e dirigiu-se de novo para o salgueiro junto do qual o Lord cahira. E, caso estranho, o local não dava o mais leve indício do drama sangrento que ali se passára. O terreno estava cuidadosamente limpo, a relva orvalhada de fresco.

—Hum... tanta limpeza, tanto cuidado com a relva... seria o rapaz, aquelle *ouvrier*...

Só elle poderia ter este cuidado... mas é estranho, é. Creio que elle preferia que eu não estivesse aqui. Todavia não devo antecipar opinião contra elle. Mas porque tanta pressa em despir o pobre morto, e deital-o na cama?... O tempo o dirá.

Volvou os olhos em roda, e fixou-os n'um determinado ponto. Por detras do salgueiro, e na direcção do jardim viu sobre a relva um objecto reluzente. Apanhou-o e verificou que era outro alfinete de ouro. Sherlock Holmes, contentissimo com esta descoberta, assobiava por entre os dentes, e dizia:

—Mas a quem pertenceria este objecto? Seria do assassino que na sua fuga precipitada o perdera, quando atravessava o jardim?

Confrontou os dois alfinetes, e viu que eram absolutamente differentes.

—Dois alfinetes completamente differentes, murmurou elle, e no entanto, ambos da mais alta importancia para mim.

Havia chegado o veterinario, e começou logo a procurar a bala no corpo do animal, mas não conseguiu encontrar a ferida feita com aquelle projectil.

—Não tem nenhuma bala no corpo! exclamou por fim.

Holmes apresentou-lhe então a agulha que havia extrahido do peito do animal, o que produziu verdadeira admiração no veterinario, que exclamou:

—Sim, é verdade, e isto mostra que o cão não foi atingido por nenhuma bala, de contrario haveria a respectiva ferida, que não encontro. O pobre animal deve ter soffrido dores horribes. Mas agora que está livre d'esse martyrio e nenhuma outra lesão tem, posso garantir-lhe que em poucas horas o pobre Nero estará completamente curado.

—Não imagina quanto me alegra essa sua declaração! Mas se lhe não extrahisse o alfinete o animal succumbiria?

—Indubitavelmente. O alfinete tão fundamente cravado produzia-lhe horribes dores com febre intensa, e se não saciasse a sede que o devorava, morreria. Mas a febre declina e não ha perigo.

Veja como elle olha para o senhor. Considera o como o seu salvador, e certamente terá n'elle um amigo dedicado. Ha certos animaes que podem dar lições de gratidão e amizade ao homem!

—Assim o pode dizer. E satisfazendo generosamente a importancia da consulta, despediu-se do veterinario.

Em seguida confiou Nero aos cuidados de um creado de confiança, dizendo lhe:

—Pego-lhe que trate com todo o carinho d'este bello animal, e será generosamente recompensado. Recommendo-lhe que ninguem o possa vêr fóra do jardim e principalmente não consita que o *senhor ouvrier* se aproxime d'elle.

Encaminhou-se de seguida para o torreãozinho. Quando Holmes appareceu em frente da *villa* era ainda tão cedo que ella, ou estava deitada, ou não tinha começado ainda as suas obrigações.

Quando elle bateu ao portão, foi abrir e disse com certa rudeza.

—Mylord não está.

O policia reconou surprehendido.

—O quê? Então não sabe a desgraça que hontem aconteceu? E Broomer tambem não? Onde está elle?

—Ainda se não levantou. Mas porque fala o senhor em desgraça? Eu hontem recolhi ás dez horas e não sei de nada. Aconteceria alguma coisa a Mylord?

—Sim, mas não faça barulho — o Lord foi assassinado.

A velha serva ficou atonia e chorando terra cahido, se Sherlock Holmes a não amparasse.

Recobrando-se por fim inquiriu:

—Mas quem é o senhor? Porque vem aqui? Não

sei se deva confiar... e suspendeu-se ao conhecer o seu interlocutor.

— Ah! é o senhor Holmes, disse ella confiante.

Abriu então a porta do quarto de Broomer, que estava apenas encostada, para dar entrada a Sherlock Holmes, que deparou immediatamente com o cadaver de Broomer.

— O que é isto? disse o policia, outra morte?

— Senhora Nanu, como apparece aqui este cadaver?

A velha creada ficou succumbida ao avistar o cadaver. Nada ponde responder.

Sherlock Holmes examinou o corpo e viu que era apenas um cadaver.

Em seguida dirigiu-se ao telephone e chamou para a primeira estação de policia.

— D'aqui fala Sherlock Holmes. Estou na «villa» de Lord Pauberry.

Commetteu-se aqui hontem um outro assassinato, na pessoa do velho creado da casa. O corpo appareceu no quarto do escriptorio sobre o tapete. Requisito tres homens com a maior urgencia.

Alguns minutos apenas e appareciam os tres policias.

Entretanto Holmes observava detidamente tudo que o cercava.

O revolver era novo ou quasi novo, e continha ainda uma bala.

Era uma esplendida arma, e não era provavel que pertencesse ao velho creado, o que repudiava quaesquer suspeitas de suicidio.

Holmes riu interiormente da ingenuidade do criminoso. Estranhou tambem que a arma só tivesse uma bala. O facto de o tiro ser dado no centro da testa tambem o surpreendeu. Não lhe parecia que se tratasse de um suicidio.

Os lamentos da velha Nanu alarmavam a casa, e Holmes tratou de a acalmar carinhosamente, e procurou saber por ella com quem o Lord, no dia anterior, tinha sahido de casa.

— Não sei, não sei. Eu nunca ia á sala quando o Lord estava com visitas. Apenas sei que elle hontem avisou que dormiria no hall. Isto porém fazia elle bastantes vezes.

— Hum... E aquella senhora que aqui residia na torre? Houve alguma desintelligencia entre os senhores, ou foi ella que abandonou a casa expontaneamente?

— Ignoro isso, porque nem mesmo conheço a senhora que aqui viveu alguns dias. Nem sei o seu nome.

— Mas ella tinha cabelo ruivo, era alta, corpulenta, e de bonita figura, não é verdade?

— Mas diga-me apenas isto: ella tinha alguma rapariguita na sua companhia?

— Ah! certamente tinha creados seus. A creada chamava-se Luiza; mas nem quero falar de semelhante creatura que bastante me repugnava, por fazer constantes galanteios ao patrão e a todos os seus amigos.

— Quem visitava mais frequentemente seu amo? Era o sr. Dancer?

— Esse ha seis annos que vinha cá duas e mais vezes por semana; desconfia por acaso d'elle?

— Não, e eu lhe digo por quê. Soube com certeza que o sr. Dancer não acompanhava hontem de tarde seu amo, quando o assassinaram. Suspeito porém de um outro, um sujeito baixo, elegante, mas duvidosamente embostrado.

— Isso, isso. E' o italiano! Quem o não podia ver era o pobre Broomer; e algumas vezes o Lord oprehendeu pela dureza, com que elle o recebia.

— E lembra-se como se chamava esse italiano?

— Tambero, disse sem hesitar a velha creada. Sherlock Holmes fixou este nome e não tendo mais que averiguar abandonou a «villa».

— Nada mais por agora tenho aqui que fazer, disse, e chamou uma carruagem que passava.

## CAPITULO VII

### O ardil inesperado

Seguido de um esplendido cão de caça desceu de uma carruagem á porta da casa de miss Florence um sujeito de idade, barba comprida completamente branca e farta cabelleira corredia da mesma cor. Era bastante cedo para as visitas habituaes e por isso a creada ficou admirada d'esta visita a uma hora tão matutina.

— A senhora ainda não recebe, disse ella.

— Peço-lhe, minha menina, retorquiu o sujeito em voz ligeiramente tremula, queira dizer a sua ama que a procura um advogado para um assumpto que lhe diz respeito. E' ao mesmo tempo passou-lhe para as mãos uma moeda de prata que a resolveu a levar o recado.

— Não entregou carta alguma? perguntou Florence, que passára a noite recostada sobre uma cadeira.

— Não. E' um cavalheiro já velho... e inclinando-se segredou-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Tem sua graça! Pois volta e diz-lhe que eu ainda lhe não posso fallar. Afinal elle podia dizer o nome, e de que se trata.

A creada voltou informando:

— Diz que se chama White e deseja fallar áocrea de um testamento...

Florence como chocada por uma pilha electrica deu um salto.

Já n'essa noite tinha tido violenta discussão com Carlos Tambero que quasi á força a levára para casa e lhe declarára que o seu nome não estava no testamento do Lord...

— Manda entrar já, disse ella decididamente; e d'ahi a momentos recebia com rosto presenteiro o estranho visitante que, acompanhado pelo cão, desceu do limiar da porta a examinava attentamente.

—Pego desculpa, minha senhora, de a procurar a hora tão impetiva. Madame não me conhece, e devo dizer-lhe que só por um acaso tive conhecimento do testamento que Lord Pauberry fez a seu favor.

Eu sou amigo inseparável do advogado Gray e estava no gabinete contíguo quando madame lá foi da primeira vez com o Lord a propósito do testamento.

Florence acenou com a cabeça, e não reparou que o visitante observava atentamente os seus cabellos deslumbrantes, como que procurando no penteado qualquer coisa que não encontrava.

—Mas hoje ouvi dizer que n'esse primeiro dia se não assignára o testamento, formalidade que se effectuou um outro dia. Os olhos da linda entrevistada brilharam com sinistro fulgor e declarou:

—Mas então deve já ter ouvido dizer que não sou eu a verdadeira herdeira. . .

—Exactamente! Conta afinal que o Lord escolheu outra senhora para sua herdeira. Conhece por acaso essa dama?

—Como não li esse testamento não posso saber quem seja a mulher por quem Lord Pauberry me substituiu.

Sherlock Holmes (porque era elle o visitante, dizia interiormente.)

—Ella é tão fina que peza todas as suas palavras. Reconhecer-me-hia apesar do meu disfarce? Oral não ha melhor ardil do que collocar frente a frente duas rivais. Experimentemos. . . E lentamente Holmes disse:

—Pois essa senhora chama-se a Bella Talbot.

Florence não se desconcertou. Estendeu os labios desdenhosamente e com um sorriso irónico retorquiu:

—A princeza do theatro! Como podia eu pensar em semelhante creatura?

—Mas porque diz isso? Falemos abertamente: se o testamento, como eu creio, se pode impugnar, teremos que recolher bastantes informações sobre essa pessoa e relações que tinha com o Lord.

—Miss Talbot, declarou Florence, roubou-me por alguns dias o coração de Edgard. Elle conheceu a na Escocia e ignoro como ella soube insinuar-se prendendo-o nos seus braços.

Possue algumas declarações escriptas por elle n'esse sentido?

—Julga então que eu seja alguma mulher que facilmente se deixe illudir? Não! Entre mim e Edgard uma palavra valia tanto como uma promessa escripta.

—Eu comprehendo perfeitamente a sua altivez. Tanto mais que sendo italiana é justificavel tal sentimento.

—Meu pae era o Marquez de Tamboero.

—Mas realmente não tinha nenhum compromisso escripto?

—Pois é pena. Assim fiocará Miss Talbot immensamente rica em detrimento de madame, a quem, segundo consta, devia pertencer esta herança.

—Miss Talbot, explodiu Florence, que se exforçava por reprimir o furor que a invadia, nunca virá a re-

ceber essa fortuna, pois que, pelo crime que praticou, eu a levarei ao patibulo.

—O quê! Pois crê. . .

—Sim, é minha convicção inabalavel que Bella Talbot foi a auctora do crime. . . e estas palavras terrivelmente accusadores silvaram por entre os labios contrahidos.

—E já communicou a algum essa sua suposição?

—Certamente. Preveni a policia, e a estas horas já a actriz deve estar sob custodia.

Sherlock Holmes acenou com a cabeça.

—Mas então, Madame, proseguiu elle lançando olhares investigadores sobre a sua interlocutora, que dirá se o criminoso já estiver sob a acção da Justiça?

—E' impossivel! Pelo menos segundo penso; porque ainda ha pouco telephonei para o palacio Pauberry e responderam-me que ninguém ainda descobrira pista alguma.

—Está mal informada, Madame, Holmes já descobriu uma pista infalivel. . .

O rosto de Florence conservou-se impossivel, não denunciando a mais leve commoção, e aproximou de si uma caixinha que estava em uma mesa proxima.

—Sherlock Holmes? Mas então sempre é certo existir esse lendario policia amador? Que vestigios foram esses?

—Pouco sei a esse respeito. Mas o senhor Gray é muito amigo de Holmes, e certamente este o informou de que se estava na pista do verdadeiro criminoso.

—Oral mas Sherlock Holmes nem sempre será infalivel, exclamou Florence que ao mesmo tempo se abaixára para apanhar a caixinha que deixára cahir.

O genial policia inclinou-se tambem com toda a naturalidade para apanhar, mas repentinamente por detraz da sua cadeira abriu se uma porta d'onde lhe lançaram sobre a cabeça um laço feito ao modo americano, que immediatamente o prendeu.

Holmes ergueu se de um salto, tentou soltar-se, mas os seus esforços só conseguiram prender-se fortemente, e cahiu redondamente no chão.

—E que tal senhor Sherlock Holmes, exclamou Florence, enquanto o policia se debatia, de nada lhe serviu o disfarce. Pela porta por onde fóra lançado o laço sahio um homem de rosto patibular, mas Holmes ainda ponde constatar que não era Tamboero, porque este era baixo e exbelto, e o que acabava de entrar era muito mais corpulento.

—Maldito expião, exclamou elle, não te valeu o disfarce! E enraivecido arranco o cabelo e barba portigas que disfarçavam Holmes.

—Agora vaes saber se o ar te é tão preciso como a nós outros, ou se podes viver sem elle. E apertava furiosamente o laço.

O arrojado policia viu-se completamente perdido, e não via meio de se salvar. Acudiu-lhe porém um pensamento, e fazendo um violento esforço conseguiu alargar o laço um pouco, e gritou com voz possante:

—Nero, agarra!

Ouviu-se um latido prolongado e em seguida um raspar nervoso na porta, cujos ferrolhos o cão com as patas tinha corrido irrompendo por ella direito ao seu novo amo. Em seguida arremeceu-se contra o homem que segurava na extremidade do laço deitando-o por terra, enquanto Florence fugia espavorida para um quarto proximo.

Holmes, sentindo que o laço afrouxava, conseguiu livrar-se, e terrivel, lançou-se sobre o homem que o cão segurava com as patas sobre o peito e as guellas escancaradas promptas a ferir, ligou-lhe os pulsos e os pés com o mesmo laço.

No entanto o cão continuava a saltar ferozes latidos, que se ouviam por toda a casa, e Holmes ria triumphante da sua ideia salvadora, e monologava:

—Já quarenta vezes me salvei da morte nas mais rudes circumstancias, e começo a crer que Deus me deu largo folgo para uma vida tão longa como a de Matusalen.

Atou depois atraz das costas as mãos do patife, que enraivecido olhava para o cão que lhe ficou de sentinella, e sentou-se n'uma cadeira.

—Bem, Nero, meu querido animal, basta por agora. Deixa-te ficar aqui como guarda d'honra d'este cavalheiro.

Acabava de dizer isto quando o prisioneiro, tendo alargado um pouco o laço dos tornozellos tentou fugir pela porta por onde entrára.

Holmes presentira-o, e voltando-se:

—Queto ahí!— disse—nem um só passo fóra do quarto, se não quer travar conhecimento com os dentes de Nero. Sente-se ou o meu cão o fará deitar.

Lancando olhares odientos a Holmes e ao seu cão, obedeceu.

Então Holmes dirigiu-se ao nobre animal, em tom imperioso:

—Ouviste? Nero? Não o deixes fazer um só movimento. Segura o bem.

O animal pareceu comprehender e respondeu com um rouco latido, olhando vivamente para o homem confiado á sua guarda.

O grande policia procurou então Florence em todos os aposentos, mas não a encontrou em parte alguma.

—Ahi! Ahi! Fugiste, minha bella, mas não te vale a espezteira. Na rua está o trem, cujo cocheiro é o meu fiel Harry. Elle te seguirá á pista.

Em seguida procurou a creada, a quem disse com voz lezonjeira:

—Senhora Luiza, sei que tem o costume de espreitar ás portas, e por isso deve saber já quem eu sou. Mas não se assuste, e conversemos como amigos. E' pena que a menina ocupe um lugar inferior, quando pela sua belleza devia estar em mais alta escala.

O seu laço aqui é rendoso?

—Mas que quer de mim, senhor Holmes?, per-

guntou tremula a rapariga, animada todavia pela voz carinhosa do policia.

—Nada mais desejo do que uma informação que a menina me pode dar. Vá buscar o guarda-joias de sua ama.

—Mas isso de, nada lhe serve, senhor Holmes, porque o cofre está fechado.

—Não importa, desejo velo e irei na sua companhia.

Effectivamente no quarto de dormir, sobre um toilette via-se o objecto desejado, e para o qual Luiza apontou dizendo:

—Prompto! Ahí está o guarda-joias, mas a senhora tem ali muito poucas.

Holmes abriu-o e encontrou joias de todas as especies e feitos, mas não poudo descobrir os alfinetes de ouro que tanto o interessavam.

Convencido de que Florence as não guardára ali fechou o guarda-joias, e approximou-se do espelho do toilette. Mal abriu a primeira gaveta, illuminou-lhe o rosto um sorriso de alegria, e voltando-se para a creada:

—Cá estão! Sua ama usava sempre estes alfinetes no cabelo? Porque motivo os não trazia hoje?

—Naturalmente porque não veio ao toilette. Mas que importancia podem ter os alfinetes?

—Tem *apenas* a importancia precisa para denunciar que, sendo de ouro purissimo, pertenciam á familia Pauberry; veja a marca.

—Não sabia que eram de ouro, mas em todo o caso tenho notado que minha ama os usa ha muito tempo.

—Ora ouça, Luiza. A sua patrão está irremediavelmente perdida, e a menina, continuando a servir-a, prejudica os seus interesses. Aceite o que lhe proponho. Aceite uma boa offerta de dez guineós, com a promessa de dobrar a parada, se responder lealmente ao que vou perguntar-lhe.

—Mas que quer o senhor, se eu pouco mais sei?

—Diga sempre. Como se chama o homem que me atirou o laço?

—Daniello. E' um parente da senhora Machrood.

—Pois sim. E o nome do outro italiano que gosava de grandes sympathias junto da sua ama?

—Não sei o que quer dizer. A minha senhora n'estes ultimos annos só conviveu com Lord Pauberry...

—Só? Emfim eu não a posso obrigar a dizer o que não sabe. No entanto diga-me quantos alfinetes eguaes a este tinha sua ama.

—Tinha seis; mas ha tempos perdeu um.

Sherlock Holmes ainda procedeu a novas pesquisas em toda a casa; e por fim resolveu-se a sahir e mandal-a vigiar pela policia.

Será melhor pôr a sua capa e o seu chapéu, menina, se não quiser ficar aqui sob as vistas da policia. Devem estar a chegar tres policias que estão ás minhas ordens.

Luiza ficou estupefacta, e erguendo as mãos exclamou:

—O quê? Que mal fiz eu? Não, não fico aqui, vou arrumar o que é meu e parto sem demora. Mas desejo saber se a minha senhora não volta...

—Ah! Podes esperar por ella, disse o policia, ironico. Adeus, adeus, minha refinada velhaca, nós nos encontraremos brevemente...

## CAPITULO VIII

### Com o commissario de Scoltand Yard

Sherlock Holmes enganára-se supondo que Florende fugira considerando-se vencida.

Esta mulher extraordinaria de coragem e arrojo, vendo que tinha de medir-se com um dos seus mais perigosos inimigos, resolveu tomar immediatamente a offensiva.

Na precipitação com que sahira, e no estado de irritabilidade em que se encontrava não reparou que um trem a seguiu muito devagar, e precisando agir com rapidez para execução dos seus planos, chamou-o, mandando seguir para o commissariado. Era o trem guiado por Harry Taxon que a estava vigiando por ordem do mestre.

—Para o commissariado, disse ella, e fechou a portinhola.

O trem rodou ao trote dos cavallo e brevemente chegou em frente do edificio.

Fez-se conduzir ao gabinete do inspector Gordon em quem reconheceu um conhecimento de theatro. Sem mais preambulos disse:

—Senhor inspector, desculpe vir tomar-lhe tempo, mas é da maior conveniencia que me attenda. Venho fornecer-lhe algumas indicações para a descoberta dos auctores da morte de Lord Pauberry. Sendo extremamente dedicada a essa familia venho fornecer-lhe alguns dados pelos quaes pode seguir uma pista que servirá de grande utilidade. Tenho todas as presumpções de que a actriz Bella Talbot não é extranha a esse crime, e se não foi positivamente a auctora d'elle foi pelo menos a sua poderosa instigadora. Esta declaração considero-a para mim um dever sagrado, e por isso li'a venho fazer.

—Sim? Miss Talbot? A actriz? Mas essa senhora foi detida aflu averiguações.

Florence ficou aturrida. Não esperava esta revelação.

—Que? Já foi detida? Mas então quem a...

—Quem? Sherlock Holmes, esse homem incomparavel, a cuja perspicacia nada escapa.

Esta noite mesmo recebemos aviso n'este sentido, e immediatamente se procedeu á sua captura.

O inspector porém continuou:

—No entanto, minha senhora, queira tornar mais claras as suas accusações contra a actriz a fim de proceder com probabilidades de exito seguro.

—Oh! Nada mais simples. Bella Talbot é a herdeira do Lord, que estava no vigor da vida; só ella portanto teria interesse na sua morte.

—Hum... E' isso tambem que pensa Sherlock Holmes. Mas deve notar-se que o tiro foi dado por um homem que desapareceu, e cujo nome ignoramos, tendo sido infructiferas todas as diligencias feitas até agora para o capturar.

O lindro rosto da intriguista pallideceu mortalmente.

—Mas ignora positivamente quem seja e como se chama?

O inspector encolheu levemente os hombros.

—Ainda se não sabe; mas o grande policia dil-o-ha certamente. Anda-o procurando, e estou certo que n'este, como em tantos outros crimes mysteriosos, elle fará luz.

—Mas porque não faz o senhor por sua parte o que elle está fazendo? A gloria seria toda para si...

—Não proseguiu porque a porta do gabinete abriu-se de repellão, e um homem tomado de grande furor, tendo empurrado o continuo, entrou precipitadamente.

—Apre! deixe-me, preciso já falar ao senhor inspector.

Este olhava admirado para o intruso e disse:

—Mas quem é o senhor? Como se atreveu a entrar por esta forma no meu gabinete; quando estou em conferencia com uma senhora?

O sujeito lançou um rapido olhar sobre miss Mackrood, a quem saudou ironicamente.

—Oh! miss Florence Mackrood? Não julgava ter o prazer de a encontrar aqui. A ultima vez que tive o prazer de...

—Basta, senhor, cale-se, disse Florence imperiosamente, o senhor é um temivel indiscreto.

—Oh! minha senhora, não recie as minhas indiscripções, respondeu o intruso, que era o nosso conhecido cantor Buono.

Este conhecia Florence por ter tido com ella uma galante aventura, em que de resto ella era prodiga, entregando-se assim ao seu ardente temperamento. Todavia Buono conservou a maior reserva, e dirigiu-se ao inspector.

—Senhor inspector, é verdade ter mandado prender Bella Talbot? Com que provas? Mas isto brada ao céu! Bella Talbot está innocente!

—Eu sou obrigado a dizer-lhe que não posso nem deve responder ás suas perguntas para não tolher a acção da justiça. Se como homem lhe posso ser agradavel, queira dizer.

—Não venho fallar ao homem mas sim ao inspector, e por isso venho avisal-o que mande vigiar todas as estações para que o auctor da morte de Lord Pauberry não possa evadir-se, e esse homem vi eu hontem á tarde fallar com esta senhora.

O inspector saltou na cadeira.

—O quê? O senhor está doido? Com a senhora

Mackrood? Não pôde ser pois que ella hontem não sahio de casa.

«Em primeiro logar, diga-me, quem o informou tão bem? Foi ella, não é verdade?»

«Pois ainda que faltou redondamente á verdade. Vi-a saída hontem n'um gabinete em George-Markt, e onde uma senhora que se prese não deve entrar. Eu estava lá tomando café com uns amigos. Esta senhora entrou com o tal meliante e sentaram-se a uma mesa por detraz da minha encetando animada conversação. Falavam em italiano, e eu que conheço bem essa lingua, porque sou italiano, percebi que o assassino de Lord Pauberry é um serçal de mrs. Mackrood.

—Sei que ha um italiano n'este desgraçado negocio. Mas estou convencido de que esta senhora é estranha a tudo isto. Ora diga-me, ella estava disfarçada?»

—Não, não era necessaria essa precaução n'aquelle sitio. Ella porém tem dois signaes pelos quaes é bem conhecida; pés pequeninos, estreitos, leves, e o cabello sempre empoadado de vermelho. Isto basta para ser bem conhecida.

—Mas o que tem tudo isso com a prisão de Bella Talbot? Esta foi detida e com o fundamento de se ter encontrado no local do crime um alfinete de cabello igual ao que Lord Pauberry lhe dera de presente.

Buono tornou se pallido.

—Como se provou isso?

—Muito simplesmente, pelo joalheiro em cujo estabelecimento esse alfinete foi comprado.

Sherlock Holmes que achou hoje este objecto, procurou o joalheiro que fornecia a familia Pauberry, e d'elle obteve a declaração de que Lord Pauberry lhe comprára doze d'estes alfinetes para ofertar á celebre actriz.

—Todavia bem podia ser que o Lord por uma simples brincadeira lhe tirasse um d'esses alfinetes da cabeça e por qualquer motivo ainda ignorado cahisse no local onde foi encontrado;—disse Buono.

—Isso é muito phantastico.

—Será, mas não excede as phantasias das nossas conjecturas.

Se o senhor inspector sabe que Lord Edgard foi assassinado com um tiro de revolver, não percebo como um simples alfinete de Bella Talbot possa estar envolvido no assassinato.

—Meu caro, a prisão de Miss Talbot obedece mais á vontade de Sherlock Holmes, do que verdadeiramente á minha.

Buono recouo espantado.

—De Sherlock Holmes? Mas como pôde isso ser, se ainda esta manhã me declarou que podia contar com toda a sua boa vontade para tentar salvar Bella das suspeitas que a atingem? E' inaudito!

—Não ha salvação nem perdão; ha simplesmente a necessidade de encontrar todos os fios d'esta intrincada meada.

Buono olhou detidamente para o inspector, e com-

primtando-o ceremoniosamente, sahio tão repentinamente como entrára.

Atravessou a rua e, tão absorto ia nos seus pensamentos que não reparou que algem o chamava. Era um sujeito alto, já edoso, o cabello e barba completamente branca. Fazia se acompanhar de um bello cão de caça, e ao vêr Buono mandou immediatamente parar a carruagem em que vinha.

—Sr. Buono, disse, peço-lhe o favor de me acompanhar.

Como não me conhece vou apresentar-me: Sou Sherlock Holmes, e venho de casa de mrs. Mackrood, onde um italiano por pouco me não estrangula.

—Maravilhosos! sr. Holmes, juro-lhe que o não reconheci. E sentando-se ao lado do imperturbavel policia, inquiriu:

—Um italiano! como se chama?

—A creada de mrs. Mackrood disse-me que se chamava Danielo; mas creio que foi para me desnoctear.

Pelos meus auxiliares soube que o senhor vio hontem Florence, n'um restaurante em Marckt acompanhada de um italiano chamado Tambero.

—Sim, seriam talvez sete horas, antes de eu ir para o meu café.

—E reparou para onde elles depois se dirigiram?

—Não, não reparei, porque sahii primeiro do que elles. Mas onde vamos nós?

—Agora mesmo chegámos ao termo da jornada. Eu preciso conferenciar novamente com o joalheiro; mas o senhor pode acompanhar-me.

E ambos se dirigiram á afamada joalheria, onde já de manhã Holmes se demorára fazendo algumas perguntas.

—Desejo que me dê ainda mais uma informação, disse Holmes ao joalheiro. Tem a certeza que todos os alfinetes eguaes aos que vendeu a Lord Edgard foram dados por este a Bella Talbot?

—Sim. Mas a senhora Mackrood entrando aqui um dia, viu-os em exposição na montra, e encomendou-me seis eguaes.

—Foi então na sua casa que este foi comprado? Pôde precisar a epocha?

—Talvez o mez passado. No entanto vou verificar.

E consultando o livro de vendas viu que tinha sido vendido um mez antes.

Sherlock Holmes tirou depois outro alfinete de peito e mostrou-o ao joalheiro dizendo:

—E este tambem sahio das suas officinas?

Era o alfinete que o policia tinha encontrado no peito do cão.

—Este não é de ouro puro; é uma especie de «doubles». Mas como o obteve?

—Holmes olhou em roda, e murmurou.

—Então enganou-se o jardineiro.

Affigura-se-me que o animal longe de estar por detraz do Lord teria assaltado o aggressor do dono na occasião em que se preparava para disparar o revolver; partido o tiro voltou-se para o animal e cra-

vou-lhe o alfinete no peito. Deve ser isto. De repente puxou do braço de Buono e arrancou-o para fóra da loja atirando-se para a carruagem.

—Vae fallar á Bella Talbot? perguntou este.

—Sim, é urgente. Desculpe incommodal-o, e procure-me ainda hoje, posso precisar do seu auxilio. O meu ajudante está vigiando Florence, e estou certo que a não largará de vista.

Entrou no edificio e dirigiu-se á prisão da actriz. Esta conservav-se em manifesto abatimento moral, mas não se lhe viam vestigios de lagrimas no bello rosto.

—Senhor Holmes, que desgraça enorme cahiu sobre mim! disse Bella Talbot. Não era bastante ter perdido meu marido, mas lançarem-me a suspeita de ser a causadora da sua morte tragica! E' de enlouquecer.

—Tranquillize-se, Miss. Todas as apparencias são contra a senhora, mas não está dita ainda a ultima palavra. Tenha confiança e diga-me: conhece um italiano que vivia muito na intimidade do Lord Edgard?

—Sim, ouvi uma vez. Edgard referir se a elle. Mas se suspeita d'elle, não ha então maior ingrato no mundo. Edgard era muito seu amigo, e varias vezes lhe deu avultadas quantias.

—Ah! Sabe onde elle morava?

—Não, mas Edgard tinha uma pequena carteira onde estavam as moradas dos seus amigos. Não a encontraram?

—Não. Quando despiram o Lord, quem guardou tudo foi o mordomo que devia ter ordens n'esse sentido.

Bella concentrou se um momento, e inquiriu depois:

—O mordomo? E' um francez?

—Exactamente, é elle.

—Sim, é elle, e esse homem galanteava a creada de Florence.

O policia recuou admirado.

—E' curioso! Esse francez é-me antipathico, mas não suspeitava d'elle. Agora é diferente.

Sahiu da sala, e dirigindo-se a Buono que o esperava:

—Já lhe dou que fazer, meu amigo. Vá á casa de Florence e procure fallar com a creada. Ella pensa que póde sahir de casa livremente, mas eu tenho ali policia para a vigiar, e impedir que saia. Diga-lhe que é um emissario do mordomo, e que este lhe manda pedir com urgencia todos os papeis, porque a policia vae fazer uma busca á casa da ama. Tome esta moeda de ouro e dê-lh'a de gorgeta para mais a decidir, e não lhe diga mais nada. Faça-lhe a corte, e, se quiser, proponha-lhe fugir com ella para á livrar da prisão, pois Sherlock Holmes a vae capturar. Decida-a, e leve-a para minha casa, procedendo ahi como se fóra sua. Seja prudente, e agora... «bonne chance»!

Voltando para a sala onde esta Bella Talbot, disse:

—Miss Talbot, chegou o momento mais critico,

pois suspeito que o seu casamento não passou d'uma comedia...

—Porque diz isso, senhor Holmes?

Holmes tirou alguns papeis do bolso, e mostrando-lhe um:

—E'este o testamento authentico de Lord Edgard, e penso que a senhora não tem conhecimento d'elle.

Pelas faces da actriz lagrimas corriam.

—Não, nunca ouvi fallar n'esse testamento. Como quer que eu prove a minha ignorancia a este respeito?

—Não é preciso. E tirando uma carta que estava junta ao testamento, entregou-a a Bella. A carta dizia:

«A minha ultima vontade mostra quanto me empenho em cuidar de Bella Talbot. Ella muito me pediu, muito tenho que agradecer-lhe. Sei que fui lealmente amado por ella; mas eu illudi-a indignamente...»

Bella soltou um grito ao ouvir esta passagem da carta, mas corajosamente disse:

—Leia, leia tudo, quero até ao fim ouvir as ultimas palavras do meu bem amado.

O policia proseguiu:

«Bella não quiz entregar-se-me sem que a nossa união fosse sancionada pelo casamento. Apesar de ser esse tambem o meu desejo não podia realisar-o, por que durante a vida de minha mãe era impossivel.

«A cerimonia do casamento na Escocia foi pura phantasia, sendo uma das testemunhas o meu fiel creado Broomer. Todavia para attenuar esta minha falta de lealdade redigi este meu testamento para, no caso de morte subita, assegurar a independencia da minha adorada Bella, a quem peço me perdôe as minhas infidelidades, pois a ameí mais do que a nenhuma outra mulher.

«Uma voz intima me diz que viverei pouco, e por isso ainda que tardiamente, lhe dou com este testamento a mais ampla prova do meu grande amor.

«Uma tal Florence Mackrood, não sei por que suggestão, instou porque eu fizesse o meu testamento contemplando-a largamente. Consegui illudi-la, pois o testamento foi assignado por mim na cartorio do notario, longe das vistas d'essa mulher, que só se me entregou movida pela ambição.

«Realizei pois a minha vontade, e a minha unica herdeira é Bella Talbot.

«A ella novamente peço perdão, assim como a todas as pessoas, a quem, em vida, poderei ter desgostado.

«Edgard, Lord Pauberry».

Bella ouviu lêr a carta soluçando, depois perguntou:

—Então essa carta não prova a minha innocencia? Se eu ignorava a existencia d'este testamento como podem suspeitar de mim?

—Sim, e espero que brevemente ficará livre d'essa odiosa suspeita. Mas uma pergunta ainda. Viu algu-

ma vez nas immediações da sua casa alguém que se lhe tornasse suspeito?

—Pergunte á minha creada. Lembro-me que ella um dia se referiu a isso.

E Bella achava-se tão commovida que Holmes se despediu prometendo voltar passadas algumas horas.

—Bridjet e o cão são os meus valiosos auxiliares, e creio que enveredei pelo verdadeiro caminho, disse o genial policia. Uma pequena mutação e tudo será claro como agua.

## CAPITULO IX

### A porta de espelho

Florence Mackrood despedira o cocheiro e seguira a pé sem reparar que de longe a seguia o seu inseparavel espião, que observou que Florence, com toda a cantella se internava n'uma travessa, e entrara em uma casa onde havia uma taboleta, que tinha muitos bolos pintados.

—Ah! Ah! disse Harry, ella vae para casa da senhora Ally.

Isto dá que pensar...

E avançando com o trem foi entregal a na cocheira que ficava perto. Tirou o casaco e o chapéu e acercouse da travessa para onde se metteria Florence.

Madame Ally era a hospedeira mais afamada da cidade. Por detraz da sua padaria havia numerosos gabinetes e quartos onde os amantes passavam horas de prazer, tanto mais tranquillamente, por quanto pelo lado do edificio havia uma passagem para outra rua.

Harry entrou na loja e pediu um pastel, mas com grande espanto seu a hospedeira conduziu-o a um quarto que abrangue n'um relance.

Nada tinha de extraordinario, a não ser as paredes forradas de grandes espelhos que chegavam ao chão. Harry tinha aprendido bastante com seu mestre para perceber que por detraz dos espelhos alguma coisa se occultava, e que podia ser uma porta. Simulava porém a maior indifferença e absorveu-se na leitura de um jornal que a senhora Ally lhe levou, considerandoo como um freguez inoffensivo.

Harry porém observava tudo.

Aquelles espelhos pareciam-lhe suspitos.

Alguna coisa extraordinaria se passava por detraz d'elles.

E não se enganava. Encostando-se á parede e escutando, pareceu-lhe ouvir fallar em segredo n'um compartimento ao lado.

Ergueu-se e mirando attentamente o remate do espelho, descobriu um pequeno botão. Premiu-o, e este moveu-se ligeiramente deixando entrever uma pequena porta.

—Não! ouviu elle dizer a Florence, não, não me deixarei illudir, não me deixarei vencer por ti. O que

prometti e o que combinámos foi repartir o dinheiro e viajar contigo, nada mais.

—O quê? que dizes, Florence? sibilou ameaçadoramente, uma voz de homem, não tens a minima idéa do que seja a gratidão! Sigo-te então como um humilde rafeiro? Esqueces que, se fui assassino, tu a isso me impelliste?...

—Que tenho eu com isso? Ignoras que a cada momento podes ser preso?

—Não me encontrarão facilmente. Julgas que conhecem o meu esconderijo? Ninguém me tocará.

Eu e Danielo somos invisíveis.

—Louco, tres vezes louco! Danielo a estas horas está em poder de Sherlock Homes. E ainda que elle te não tenha denunciado, o fardo do diabolico policia te encontrará.

—E dizes isso com tanta serenidade! E's diabolica! mas não me provokes, porque a paciencia esgota-se.

Pareceu a Harry que o homem se precipitára sobre Florence, e que esta fugia. Podia intervir e talvez prendel-os, mas receava que elles fuissem por qualquer porta secreta, e tudo estava perdido. Que fazer? Ficar na expectativa, e entretanto perder-lhes a pista outra vez?

De vagar, muito de vagar, abriu um nadinha a porta. Mas ouviu por detraz de si dizerem:

—Que está você ahí a fazer, seu velhoço?

Era a hospedeira que Harry não presentira e agora estava na sua frente, ameaçadora, terrivel. Harry cobrou animo e disse resolutamente:

—Vê o que eu procurava no espelho? Era isto, e abrindo de todo a porta, viu com o maior espanto que o quarto estava sem ninguém.

Entando no gabinete viu mais que apenas uma parede de cartão, um singelo biombo o separava do seu compartimento.

—Mas que tem o senhor que fazer aqui? Já para a rua... e os alentados braços da padeira empurraram-no para a porta da sahida com uma saraivada de injurias. Harry despresando taes amabilidades obliquou pela rua fóra e chamou um policia recomendo-lhe que vigiasse a padaria, e não permittsse a sahida de quem quer que fosse.

Proseguindo nas suas buscas orientado pelos seus conhecimentos topographicos da cidade, pôde facilmente saber para onde dava a outra sahida da padaria.

—Diabo! murmurou elle irritado, agora já é tarde, agora já os meliantes estão em segurança.

Deixei fugir a caça que tive quasi debaixo da mão! Como o mestre ficaria contente se eu fosse bem sucedido!

Ao fim de muitas voltas em todos os sentidos, conseguiu afinal dar com a desejada sahida. Mas tudo isto levára um quarto de hora, um longo quarto de hora.

Florence e o seu companheiro tinham desaparecido como o fumo, e Harry Taxon só pôde informar o mestre até esta altura das suas pesquisas.

Os alfinetes não me dão elementos de grande valor, dizia Holmes no seu gabinete. Como ambas ellas os usavam, não podem servir de prova. Resta-me socorrer-me da intelligencia do meu cão. Já o devia ter feito hontem se o animal não estivesse ainda tão fraco. Em seguida dirigiu-se, sempre monologando ao palacio Pauberry, onde desde manhã não voltára, e onde ninguém o reconhecera, nem reconhecia ainda porque agora apresentava-se como um pacifico proprietario. Acompanhava-o o fiel Nero, cada vez mais dedicado ao seu novo dono.

No palacio não se via ninguém, Nero porém malahi chegou, mostrou ares de impaciencia.

—Busca, busca, meu querido cão! dizia Holmes, anda, busca, procura, mostra-me o rapaz! Onde foi elle? onde parou? Busca, busca!

O cão comprehendia.

Excitando o animal, Holmes indicou-lhe o ponto em que achára o alfinete de ouro.

—Anda, kse, kse, busca, Nero, busca.

O cão percorria todos os recantos do parque, até que parou junto a uma arvore de fructo e começou a farejar.

—Ah! exclamou o policia, aqui subiu elle com certeza: és intelligente meu bello cão. Em cima da arvore, de noite, com certeza o não procuravam.

O cão não queria abandonar aquelle ponto, farejando tudo e tentando subir á arvore.

Holmes fez o que o cão não podia.

Não perdeu o tempo. No mais alto ramo da arvore encontrou um pedaço de tecido escuro e fino.

Satisfeito desceu da arvore.

—O rapaz calçava botas com tacões já deslocados, e por contraste vestia fato de apurado talhe! Não é preciso mais para saber que não pertence a classe elevada.

Um verdadeiro gentlemen poderia usar um fato mais ordinario, mas não deixaria de calçar umas botas irreprehensíveis.

Mirando o pedaço da fazenda viu um individuo que sahia do parque pela porta lateral: esta descoberta interessava-o vivamente, por que reconhecera o «ouvrier» com quem já falára.

Holmes recommendou ao cão que se aquietasse, e foi seguindo o homem, que, pela direcção que levava, parecia ir para casa de Florence Mackrood.

—Maravilhoso! murmurou triumphante o policia. Isto nem mesmo a proposito. Deixa-se enredar sem o saber.

Apenas o «ouvrier» transporta a porta da casa de Florence, um assobio se ouviu. Apareceu logo um policia secreto, que sahia da porta, por onde o mordomo tão tranquillo entrára.

—Reconheceu o assobio?

—Perfeitamente!

—Bello! Oíça: entrou agora um sujeito que vem buscar a creada.

—O quê? Outro? ainda agora cá esteve um...

—Sim? Então que se passou?

—Levava as cartas e outros papeis, e deixámo-lo sahir com a creada.

—Muito bem! Mas este agora é que de modo algum deve sahir. E' o mordomo do palacio Pauberry, e ainda que elle procure fazer escandaloso, não se importe, e diga-lhe que todos os que entrarem n'esta casa serão detidos até instruções em contrario.

—Perfeitamente sr. Holmes.

Holmes voltou immediatamente, ao palacio Pauberry e encaminhando-se para o quarto do mordomo abriu todos os moveis com a sua gazuza, revistando o mais insignificante objecto mas sem resultado. Por fim descobriu uma declaração assignada por um tal Daniello, em que exigia cem libras ao «ouvrier» e elle deviam ser pagas quando Florence viesse a ser Lady Pauberry, ou no caso de vir a ser reconhecida herdeira d'aquella esplendida fortuna.

—Ora aqui está, — murmurou o policia radioso, aqui está a tua sentença de morte, Florence Mackrood.

Revolveu ainda todos os escaninhos e outro objecto chamou a sua attenção. Era um retrato de Bella Talbot desempenhando uma das suas creações mais celebres, e no verso, a tinta, a seguinte dedicatoria.

«Recordação, ao meu querido Carlos.»

Sherlock Holmes estupefacto deixou cahir a photographia.

Seria admissivel aquella dedicatoria? Carlos! Carlos era o italiano que tinha praticado o crime!

Seria tãõ negra a alma de Bella?

Seria ella a instigadora do crime?

Saberia do testamento e a affirmação de que o ignorava era para encobrir o crime? Pretendia ella assim vingar-se d'aquelle que lhe fôra infiel.

—Não pode ser! não pode ser! dizia Holmes, seria criminoso de mais. Mas tambem não está ali uma prova esmagadora contra a desgraçada actriz? Perco-me em conjecturas.

Mas prosigamos e a luz hade fazer-se.

Caminhou para casa, onde já deviam estar Bruno e Luiza.

—Faltam-me ainda noticias de Bridjet, dizia elle. Preciso adquirir a certeza se o italiano rondava a casa de Bella Talbot. A descoberta do retrato admittê todas as hypotheses. Tudo é possível.

Proseguindo o seu caminho foi de encontro a um individuo de mediana estatura, mas que proseguiu o seu caminho, indifferente na apparencia ao choque, posto que em voz baixa tivesse proferido uma praga em italiano.

Sherlock porém ouviu-a, e cahiu sobre elle, segurando o fortemente.

Ao vel-o teve uma contracção medonha, por que reconheceu no seu prisioneiro Carlos Tambero, o provavel assassino de Lord Pauberry.

Este porém com um prodigioso empurrão soltou-se das mãos de Holmes e fugiu pela rua fóra em louca carreira. Por mais que Holmes corresse e pedisse auxilio aos que passavam para prenderem o fugitivo, este levava vantajosa deanteira, e soccorrendo-se do velho estratagemas, gritava tambem:

—Agarra! agarra!

A multidão agitava-se gritando igualmente.

Mas todos o tinham cercado de vista, quando appareceu um vendedor de jornaes dizendo;

—Eu sei, eu sei, onde elle entrou: e indicou um estabelecimento que dava ingresso para um largo pateo. Sherlock entrou ali e ordenou aos policiaes, seus subordinados, que vigiassem a porta e não deixassem sahir ninguem; e dirigindo se ao chefe que estava a seu lado:

—Oija, senhor Jonkins, o senhor fica com este rapaz vigiando a porta tambem: vou mandar-lhe mais tres homens, que podem ser-lhe precisos, e eu vou buscar o meu cão, e breve voltarei.

Passados minutos apparecia com o fiel cão, ao qual aguçára o faro passando-lhe o pedaço de panno, en-contrado na arvore, pelo nariz.

Nero começou a agitar-se, mostrando-se encolerizado, lançando se como uma seta pela casa dentro.

—Deu com elle! deu com elle! gritavam todos. Hurrah! pelo cão policia!

Só Holmes se mantinha imperturbavel.

Tamboero estava cercado por todos os lados, e perseguido pelo cão, que latia furiosamente á entrada de um canno por onde elle entrára, julgando que ninguem ali o perseguiria.

Sherlocks Holmes mandou guardar a sahida do canno, e ordenou que o demolissem. Mas o cão já en- trára e uivava doridamente, evidentemente em luta com o assassino. Holmes, que muito estimava o animal, sentia como suas, as afflicções do cão, e que-rendo salvar-lhe a vida chamou-o, mas sem resultado.

Impaciente, soltou repetidos assobios com mais im- timativa, Impaciente, e quando a demolição lhe per- mittio entrar no canno, apontou o revolver e disparou sobre dois vultos estreitamente apertados em acerrima luta. A bala attingira no hombro o assassino que lar- gou o cão. Sherlock tomou o cão pelo pescoço e disse indicando Tamboero:

—Agora segurem-no bem. E' este o assassino de Lord Pauberry.

Então Holmes tirando do bolso o pedacito de panno confrontou-o com o casaco de Tamboero, e constatou que em um dos braços faltava aquella parcella do te- cido.

Nada mais restava fazer. Estava desvendado o mysterio: mas ainda não era tudo—faltava prender Florence Mackrood.

## CAPITULO X

### Revela-se a verdade

Na prisão para onde transportaram Tamboero esta- va tambem o italiano Danielo, que Sherlock Holmes tinha interesse que fosse acreadoo com o assassino.

Pensou que elles se combinariam para livrar a res-

sponsabilidade. Não lhe dando tempo para fallar um com o outro, o habil policia disse:

—E' inutil tentarem negar: quero saber a verdade, e só a verdade. Para você, Danielo, talvez possa ha- ver attentuanes, portanto declare tudo sem hesitações.

E' parente de Florence Mackrood?

—Sou primo d'ella.

—Porque me lançou o laço em casa da sua paren- ta? Esperava-me?

—Não senhor. Esperava este bandido que devia lá ir.

—Ah! Sim? Então era para elle o laço em que fui colhido?

—Sim, senhor, elle perseguia Florence de um mo- do irritante. Ora Florence não é só minha prima, mas ha muito tempo minha amante.

—Mentira, clamou Tamboero, irritadissimo.

—Silencio. Em breve lhe darei a palavra para di- zer de sua justiça. Estou muito inclinado em acreditar o que affirma Danielo, porque a propria Luiza me de- clarou que sua ama tinha uma vida muito desgraçada. Creio que só Lord Edgard a podia dominar... Estas palavras do astuto policia foram propositadamente pron-unciadas.

De facto olhando para Tamboero constatou que não errára o alvo, porque este clamou collerico:

—Oh! esse misaravell! Pagou com a vida todas as tyrannias que fez soffrer a Florence.

—Mas como se explica que só o ciume te impul- sionasse, quando, em seguida ao crime, te apoderas- tes do livro de cheques, e assassinaste o pobre crea- do do Lord? E parecendo nada observar, notou os si- gnaes de intelligencia que os dois trocavam. Mas pro- seguiu indifferente.

—Quem foi então que te encarregou de ser o exe- cutor do crime?

—Quem n'essa morte tinha interesse immediato: a sua herdeira, Miss Bella Talbot.

Holmes deu uma gargalhada ironica.

—E tu, perguntou elle voltando-se para Danielo, tambem affirmas o mesmo?

—Sim, pois Lord Edgard morria ás minhas mãos, se Tamboero não me precedesse. A actriz continuamente me instigava.

—D'esse modo Bella Talbot tambem era tua aman- te?! Que galante D. Juan me sabiste! Mas como pôdes provar o que dizes?

—Danielo não pôde, mas posso eu. Tire-me estas algemas, e deixe-me procurar a minha carteira.

Holmes desalgemou-o mas apontando-lhe sempre o revolver, até que elle abriu a carteira, e exclamou vi-ctorioso:

—Ora veja, e aprecie, disse, entregando-lhe um maço de papeis, de entre os quizes cahiu uma pequena madeixa de cabellos, fulvos como o ouro, um retrato de Bella e uma carta escripta com tinta violeta, e cujo adresse era: «Ao meu adorado».

—Hum!... você é um grande comediante, mas eu estou preavido.

Esta carta foi subtrahida ao Lord, ou falsificada.

—Vejamos. E tirou do bolso o cartão que encontrára escripto a tinta violeta no quarto do mordomo.

—Mas que significa isso? disseram os dois surpresos.

—Não percebem? Ha uma hora já que eu sei quem é o verdadeiro assassino, o infame criminoso. Mas não perde pela demora, não me escapa.

—Tambero sacando rapido por uma navalha atacou o arrojado policia tão vivamente que não poudo fazer uso do revolver, e Danielo n'um esforço terrivel, apesar de preso de pés e mãos, acrocava-se dos dois.

Holmes viu-se perdido, e apenas teve tempo de apitar. Como um furação entrou Harry Taxon, que atirando-se a Tambero lhe jogou tão violento murro aos olhos que este cahiu pesadamente no chão, e novamente o algemou.

—O grande patife, disse Holmes, hasde pagar-me a amabilidade. Obrigado, Harry, mais uma vez me salvaste a vida.

Em seguida isolou os dois, cada um em sua prisão.

Dirigiu-se depois á prisão de Bella Talbot, que encontrou ajoelhada junto á janella, e que o olhou pallida e consternada.

—Traz-me a liberdade? Vem livrar-me d'este martyrio? Já se encontrou o criminoso? Tranquillise-me, senhor Holmes.

—Acabo de o prender, Miss, retorquiu serenamente o policia.

Houve um traidor entre os cumplices. . .

—Mas como soube isso?

—Verá que não me engano. Acompanhe-me: descejo interrogar-a sem que elle o saiba.

Conduziu-a delicadamente para um corredor até uma larga sala ao lado da qual estava outra onde esperava o mordomo Ouvrier. Espere-me aqui: a porta d'aquelle gabinete fica semi cerrada, pôde d'aqui ouvir o que lá se disser.

Dirigiu-se em seguida para o gabinete, onde já estava o mordomo.

—Senhor Ouvrier; trata-se de averiguar se foi o senhor, como se suppõe, quem planeou e dirigiu a morte de Lord Edgard.

—O quê, meu Deus! clamou o mordomo pallidecendo horrivelmente: isso é uma infamia atroç.

—Foi tambem o que eu pensei, e por isso venho pedir-lhe o juramento solemne de que não interveio no crime, nem se comprometteu a dar recompensa alguma a quem o executasse.

—O' céos! mas isso é falso, senhor Holmes.

Este, tranquillo, puchou d'uma folha de papel e caneta, e indicando-lhos disse:

—E' justamente por isso que eu quero confundir o seu calumniador: escreva pois:

—Juro solememente que, de modo nenhum e por paga alguma commetti a Carlos Tambero a incumbencia de assassinar Lord Pauberry, assim como quantia alguma lhe prometti no caso de elle não sobreviver ao attentado.

Ouvrier escreveu tudo e assignou depois.

Holmes soltou um estridente gargalhada.

—Obrigado, illustre patife! Agora confessa toda a verdade. Nada de delongas. Conheço-te, e conheço todos os teu planos. Tu e Luiza combinaram o plano de perder Bella Talbot, mas não o conseguiram. E's um emerito falsificador de assignaturas, um refinado gatuno. Olha, aqui estão as provas das tuas torpes falsificações. Colhi-as no teu proprio quarto: esta carta, este retrato com a dedicatoria—«Ao meu querido Carlos!... Bella Talbot nunca escreveu isto...»

Ouviu-se um grito estridente: era Bella Talbot que ouvindo tudo da sala contigua, correu impetuosamente ao gabinete dizendo:

—Nunca! Nunca! Eu nunca poderia escrever semelhante dedicatoria. São todos uns infames.

—Socege, miss Talbot, oreio em si, disse Holmes em tom paternal. Mandei augmentar dez vezes as lettras traçadas na dedicatoria e verifiquei que a senhora tinha escripto em tinta azul «Ao meu adorado... e que em vez do nome infame de Carlos tinha escripto o de Edgard. Declaro-o para confundir os infames falsificadores.

Bella Talbot que tinha os olhos cheios de lagrimas e o opulento seio arfando com os soluços que a suffocavam, voltou-se para aquelle homem extraordinario e leal, e olhando o para infinita doçura e gratidão, disse-lhe beijando-lhe as mãos:

—Senhor Holmes, como agradecer-lhe? Toda a minha gratidão e amizade, nada valem comparadas com o que por mim fez: obrigada.

—Por Deus, miss Talbot, fiz apenas o meu dever: de resto eu já estava convencido da sua innocencia. Pôde considerar-se livre, e é essa a minha maior satisfação.

Agora vamos ao resto. Este homem assim como os dois que lá estão em baixo são meros instrumentos nas mãos d'essa mulher com coração de tigre, Florenço Mackrood.

—Mas como podia essa mulher substituir-me no coração do Lord?

—Para conseguir os seus fins ambiciosos, porque tem um espirito verdadeiramente satânico e irresistivelmente attraente, que a si prende todos os desgraçados de quem se aproxima.

—Attrahe-os, e elimina os conforme lhe convem.

—Já está presa?

—Por enquanto não: mas espero que o seja brevemente.

N'este instante chamaram Sherlock Holmes.

—Que é? Ha alguma novidade? Já a prenderam?

—Não sei, mas o seu ajudante está ao telephone para lhe falar.

Holmes aproximou-se do aparelho:

—Está lá? Quem fala?

—Sou eu, Harry.

—D'aqui falla Sherlock Holmes.

Ah! Bem! Que ha?

—Mestre, dou-lhe os parabens. Creio que dêmos com a criminosa.

—Sim! Onde? Como?

—Lembra-se que os descobri no estabelecimento

da Bally, no pombal, onde Tambero dizia que o não descobririam?

—Sim, sim, que mais? Descobriste o enigma?

—Sim, mestre. Era bem applicada a palavra «pombal».

—Mas onde é?

—Na garçonnière de Lord Paubery. Junto á torrinha ha uma cocheira e sobre ella um cubiculo, pequeno, galante, que se reservava para o cocheiro, e onde seria difficil descobrir quem n'elle se anichasse. E'ahi onde a dama se refugiu.

—Parabens, rapaz, e com elles metade dos meus honorarios, n'este negocio, como recompensa da tua sagacidade...

—D'ahi a instantes Sherlock Holmes encaminhava-se com dois policiaes para o esconderijo descoberto por Harry.

Cautellosamente, para não despertar suspeitas, avisinou-se do occulto reducto e repentinamente ahi entrou, encontrando Florence tranquillamente sentada sobre um divan.

Gelada de pavor, mal poudé pronunciar:

—Mas a que devo o prazer da sua visita tão matutina, sr. Holmes?

—A isto, e puxou imperturbavel por umas algemas com que pretendeu ligar-lhe as mãos.

Ella ergueu-se furiosa e disse:

—Alto! Para que é tanto apparato? Oíça e comente depois.

«Vivi como quiz e até onde quiz. Vivi, passei e triumphei até á méta que me propuz.

«Enganei meio mundo, tripudiei por cima de todos. Enganei a outra metade que me suppoz virtuosa. Amei quem quiz, e aos mais dedicados, ou mais tolos, ludibriei os. Até aos ultimos austos bebi o prazer, e saciei-me de vingança para tirar desforra d'esta tor-

pe sociedade. Todos foram nas minhas mãos frageis brinquedos que despedacei quando me prazia.

—Lord Edgard que foi nas minhas mãos? um illudido, um tolo. Aniquilei-o, fiz que elle não pudesse libertar-se do meu poder, nem tivesse vontade propria. Depois soltei-o: julgou illudir-me com a mistificação do testamento.

«Tambero, que foi? outro igual.

«Danielo? a mesma sorte...

«Lady Paubery? uma velha tonta que eu arrastava á minha vontade...

«Prompto: vivi a meu talante. E até o poderoso Sherlock Holmes, apesar de me vencer, soffreu o impulso da minha vontade de ferro. Estou satisfeita e orgulhosa de mim mesma.

—Não é preciso tanto para lhe dar o verdadeiro merito. Siga-me e volte o pensamento para Deus.

Um sorriso satânico afflorou nos labios de Florence.

—Ingenuo! E levando as mãos á bôcca, n'ellas introduziu qualquer coisa.

Depois, dando um enorme salto, e com o corpo todo contrahido, roucamente soltou estas derradeiras palavras:

—Acabou-se! Vivi, amei e desgracei-me porque quiz. Adeus torpissimos mortaes, morro triumphante.

E cahiu pesadamente no solo sem vida. Havia-se envenenado.

—Diavolina!—exclamou o policia em guisa de epi-taphio, ante o corpo inanimado de Florence. Fizeste justiça por tuas proprias mãos!

E sahiu meditando.

FIM

**Ler no proximo numero:**

## O homem macaco

*Aventuras extraordinarias d'um policia secreta*

**60 rs.**

cada numero contendo sempre  
uma obra completa

**rs. 60**

Redacção e administração de

**A NOVELLA POPULAR**

C. do Ferregial 23 I.  
Lisboa

# Aventuras de Lord JACKSON

Genial e audacioso polícia amador  
O unico rival de SHERLOCK HOLMES

Nada tão emocionante e de interesse tão empolgante como este verdadeiro romance de um homeu admiravel, poderoso e forte que, apesar de immensamente rico, dedicou o seu talento sem igual, a sua invencivel bravura, e a sua colossal fortuna, á causa da justiça, protegendo o fraco, vingando as victimas, e conduzindo ao patibulo os mais horribes e tenebrosos assassinos do mundo inteiro!

**Volumes publicados a 60 réis cada**

- 1 Crimes no palacio Jackson. 2 O osso d'uma perna 3 Invasão d'um m. livado 4 Crimes immunes 5 Calvario do rei dos assassinos  
6 Um attentado terrorista 7 A creanca martyr 8 Resgate sangrento 9 A falsa suicida 10 Um drama nas nuvens 11 Junto da Gui-  
lhermina 12 Jackson, em poder dos bandidos 13 O cão polícia 14 O esqueleto vivo 15 Bandidos de casaca 16 A rainha dos apaches  
17 Durs façanhas notaveis 18 Jackson envenenado 19 Resurreição de Jackson 20 Sapatos de defuncto

## O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances

de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brochado, com ex-  
plendida capa artistica Rs. 100

### Volumes publicados

- |                                      |                                      |
|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 1. Enterrada viva* (Exg.)            | 13. O principe jogador               |
| 2. O Mascara negra (Exg.)            | 14. As catacumbas de Paris           |
| 3. Segredo do abysmo* (Exg.)         | 15. Amor e dinheiro                  |
| 4. Castigo d'um falsario (Exg.)      | 16. Vingança de Musolino*            |
| 5. O amante da rainha*               | 17. O retrato da princeza            |
| 6. O roubo das reaes ordens          | 18. Os diamantes do duque<br>Norfolk |
| 7. Um thesouro n'um atauda           | 19. O mascara vermelha*              |
| 8. Um rival de Sherlock Hol-<br>mes* | 20. Um thesouro submarino            |
| 9. Uma aventura nocturna             | 21. Um assalto n'um comboio          |
| 10. Um parisiense na Perzia*         | 22. Milagre d'amor*                  |
| 11. Estratagem d'um ban-<br>queiro   | 23. O apostolo de prata              |
| 12. O padre sangrento*               | 24. O falso polícia                  |
|                                      | 25. Entre os apaches de Pari         |

\* As obras marcadas com este signal não fazem parte das Proezas de Raffles.

A publicação das

### PROEZAS DE RAFFLES

#### O gatuno amador

alternará no Livro Popular com novellas d'outros auctores, seleccionadas com o maior escrupulo.

Dirigir pedidos a

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial 23—LISBOA

Dr. PEDRO GUERDER

## O MEDICO POPULAR

CC No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente em dicação o fim a que elle visa CC A sua leitura diminuirá a inquietação nas fami-  
lias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que resente da falta de conhecimentos de medicina CC

Um volume 8º gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. Preço 700 rs.

## Collecção Amorosa

NOVELLAS E CONTOS DOS MAIS CELEBRES AUCTORES

Publicação quinzenal—Edição de luxo

100 rs. Cada volume com bella  
capa artistica rs. 100

A nova publicação que lançamos a publico n'uma edição es-  
merada e ao alcance d's bolsos e enos abundans, formará uma  
preciosa collecção das mais lindas novella e contos que a littera-  
tura mundial tem produzido.

Inserindo apenas trabalhos devidos a escriptores consagrados  
com titular uma pequena bibliotheca de raro merecimento littera-  
rio, precioso escripto de verdadeiras maravilhas d'arte

### Volumes publicados

- 1—O segredo de Suzana por M. Prevost.
- 2—Uma licção por E. Zola.
- 3—Missão delicada por M. Prévot.
- 4—Historietas beiraeiras por A. Silvestre.
- 5—Seis mulheres para um homem por C. Aubert.
- 6—Conquista do amor (Nantas) por E. Zola.
- 7—O amigo Ulysses por C. Aubert.
- 8—Contos do convento por C. Mendés.
- 9—Os ultimos bandidos por C. Aubert.
- 10—Cartas de mulher (1.ª serie) por M. Prevost.
- 11—Pela vida fora por E. Zola.
- 12—Contos frescos por A. Silvestre
- 13—Cartas de mulher (2.ª serie) por M. Prevost.
- 14—A pulga por C. Aubert.
- 15—A lga por C. Aubert.
- 16—Cartas de mulher, (3.ª serie) por M. Prevost.

### Prazeres secretos do amor

pejo dr. Jaf.

1 grosso vol. ed. de luxo e capa  
artistica 600 rs.

Novidade Litteraria

a apparecer brevemente:

Os espinhos do adultério  
por Victorien du Saussay  
1 volume 600

## LEITURAS SUGESTIVAS

Aventuras extraordinárias d'uma cocotte... 100  
 Fiasco d'amor... 100  
 Casamento á porta d'um talho... 100  
 Vol. impressos em bom papel—  
 e com magníficas gravuras

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

## AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios  
 OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ  
 600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

## Novidades Litterarias

Ditosa Lar M. Prevost.. 500  
 Aphrodite Pierre Louis. 500  
 Prima Laura M. Prevost 500  
 —Elegantes vol., profusamente—  
 —ilustrados e impressos em papel—  
 —de luxo

## Collecção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais  
 sensacionaes novidades litterarias estrangeiras

## Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatuno da alta roda, por Maurice Leblanc (Esg.). 2. O Homem Misterioso, Guy de Téramond. 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grito na treva, Golscorthy. 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hering. 8. A Azulha ôca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard. 11. O Canhão do sonho, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policial, A. Q. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton. 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi.

350 rs. Cada vol., in-4º, contendo a materia de um  
 grosso vol., in-8º, de 300 rs. 350

Edições esmeradissimas ao alcance de todas as bolsas

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA  
PROSTITUIÇÃO \* \*

Desde os primitivos tempos  
 até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia .....	300
II Impudicicias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos.....	300
III Desmoralisação Françeza—Tempos modernos..	300
No prélo:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos.....	300

RENÉ EMERY

## S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos  
 I A Paschoa de Formosa—  
 II Chamas de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amor—V Beijo supremo.  
 I eleg. vol., em 8º com artistica capa  
 a 8 côres 700 rs.

CAROLUS DIDIER

## A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica  
 I grosso volume, edição de luxo,  
 magníficas gravuras e capa artistica 700 rs.

## JIU-JITSU

TRATADO PRATICO

DE PREPARAÇÃO

E O COMBATE

I vol. edição de luxo com 19 bellas

C + photogravuras de pagina +

600 reis

## A Guerra nos Ares

por G. A. WELLS

hem no seu bello livro "A GUERRA NOS ARES., o entreccho amoroso que to na todos os episodios palpantes de sentimento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenhar no empolgante drama o os papeis mais sympathicos e os que mais falam ao cor. ção, scenas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo, de absoluta creença e de profunda fé no edial que visam.

60 reis Cada numero contendo um episodio completo reis 60

Volumes publicados

1. A vespa gigante. 2. Os derviches do deserto. 3. A armada aerea. 4. O Combate no Atlantico. 5. O ataque a Nova-Yorek.

Actualmente, os romances de aventuras extraordinarias e os romances de obse vacão, cheios de imprevisto, de situações altamente d amaticas e emocionantes, de mãos dadas com todos es rogridimentos scientificos, com todos os grandes problemas que agitam a humanidade substituem a novella sentin ental, piegss, que noutro tempo fez as delicias dos nossos maiores.

O assumpto principal desta magnifica obra, resume-se na lucta tremenda entre as potencias que actualmen e se impõem ao mundo pela sup emacia da força.

Wells, o actor desta inconfundivel produção não deuseouo tam-